ANTOLOGIAS DE POESIA

DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
1951 - 1963

ANGOLA
S. TOMÉ E PRÍNCIPE

I VOLUME

INTRODUÇÃO

As obras editadas pela Casa dos Estudantes do Império nas décadas de 50 a 60 são hoje consideradas como uma parte integrante da produção literária africana de expressão portuguesa, no período da sua génese, embora permaneçam ignoradas fora do círculo restrito dos antigos sócios da Casa e de alguns especialistas que àqueles temas têm dedicado a sua pesquisa.

Meios materiais escassos foram então compensados pelo empenhamento e entusiasmo dos jovens que encontravam na Casa, o acolhimento e a camaradagem necessários à sua inserção num meio que lhes era estranho, e o lugar propício à elaboração ou manifestação de uma tomada de consciência das realidades coloniais.

Sendo oportuno reconhecer a importância da actividade associativa desenvolvida pelos sócios e dirigentes da CEI, torna-se igualmente imprescindível referir, em particular, o trabalho persistente daqueles que assumiram a responsabilidade directa das edições ou as prefaciaram segundo critérios classificatórios muito polémicos na época – Orlando de Albuquerque e Vítor Evaristo em Coimbra, Luís Pollanah, Fernando Mourão, Carlos Eduardo Ervedosa, Fernando Costa Andrade, Alfredo Margarido. José Ilídio Cruz e José Manuel Vilar, em Lisboa.

Assim foram surgindo, a partir da década de 50, publicações várias, desde os boletins «Meridiano» (Coimbra) e «Mensagem» (Lisboa), às Antologias literárias e à colecção de «Autores Ultramarinos», que reuniram uma produção literária esparsa, nem toda inédita, e contribuíram para a formação de uma identidade cultural e política entre as jovens gerações de estudantes africanos. Decorridas algumas décadas sobre estas primeiras edições, vemos confirmadas algumas trajectórias literárias que então se iniciavam, vemos que alguns dos seus temas vieram a constituir bandeiras e

palavras de ordem e são ainda hoje expressões de denúncia e esperança de alguns daqueles poemas que a música popular faz ecoar pelas cidades africanas.

Daí que a Associação da Casa dos Estudantes do Império, criada em Janeiro de 1992 por um grupo de antigos sócios da CEI, tenha definido como objectivos da sua acção, entre outros, o de preservar e difundir o legado cívico e cultural da CEI e o de promover estudos e debates em torno da problemática dos países africanos de expressão portuguesa, com particular relevo para as novas tendências culturais.

Promoverá ainda a ACEI a intensificação das relações de solidariedade e cooperação entre os povos de língua portuguesa, nomeadamente através da colaboração estreita com os estudantes africanos em Portugal.

A concretização de uma parte deste programa passa pela reedição de títulos da CEI dos anos 50-60, tarefa que agora se inicia com este volume de «Antologias de Poesia CEI – 1951/1963». Serão ainda reeditadas as Antologias de Contistas, a Colecção de Ensaios, bem como a de «Autores Ultramarinos», que se tornam referências obrigatórias não só para as novas literaturas africanas como para os críticos. Este programa incluirá ainda a publicação de novos textos, como um Número Especial de «Mensagem», já em preparação, contendo estudos de carácter sociológico, histórico e literário sobre a CEI, com intenção de assinalar os Cinquenta Anos da sua fundação.

A reunião em dois volumes das Antologias de Poesia que a CEI organizou em volumes independentes, com alguns anos de distanciamento, levou a estabelecer alguns critérios que norteassem o presente trabalho. A hipótese de uma edição fac-similada foi afastada por os originais serem policopiados e terem má qualidade gráfica. Preferiu-se o agrupamento das Antologias por países, em detrimento da sequência cronológica de publicação. Cremos, desse modo, proporcionar um melhor entendimento de identidades que se estavam forjando em S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Esta opção sublinha a génese das culturas nacionais e harmoniza-se com a intenção subjacente da CEI ao divulgar uma nova imagem de África e dos Africanos, afrontando a ideologia colonial dominante.

Aceitou o nosso convite para prefaciar esta edição Alfredo Margarido, estudioso incansável destes temas literários desde os anos 60. Na sequência dos prefácios anteriores, Margarido propõe a sua leitura pessoal de tendências e figuras associadas à actividade da CEI.

As Antologias de Angola e Moçambique repetiam naturalmente autores e poemas. Neste volume o problema foi resolvido optando-se pela inclusão dos poemas repetidos apenas nas edições de 1962, embora mencionando a sua localização nas edições anteriores.

Quanto à grafia dos poemas, corrigiram-se as gralhas óbvias e actualizou-se a grafia das palavras portuguesas. Nos termos africanos e crioulos, manteve-se a grafia dos autores e das transcrições, dada a dificuldade de decidir em tais matérias, uma vez que são ainda hoje controversos os critérios de transcrição a adoptar.

Do Glossário apresentado no final do volume, constam termos proveniente das línguas bantu e de outras origens, alguns dos quais adquiriram sentidos semânticos próprios dos contextos geográficos e sociais onde eram utilizados. Na sua elaboração contámos com o imprescindível apoio de Arnaldo Santos, Fernando Antoniotti, Inocência Mata, Luandino Vieira, Maria José Albarran, Noémia de Sousa, Olga Neves e Tomaz Medeiros, a quem agradecemos reconhecidamente.

Pela colaboração prestada no arranjo gráfico e acompanhamento da edição, um agradecimento muito especial à Judite Cília.

Para reunir as edições originais das Antologias, contribuíram os associados que disponibilizaram os exemplares em sua posse: os nossos agradecimentos a Alfredo Margarido, Celme Cruz, Eduardo Medeiros e Fernando Mourão.

Finalmente, esta edição só foi possível devido à contribuição dos associados da Associação CEI, e à concessão do apoio generoso da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Oriente. Agradecemos em particular ao Dr. Vítor Sá Machado e ao Dr. Carlos Monjardino o acolhimento e apoio prestados à iniciativa.

Os Organizadores
Lisboa, Novembro de 1994

A LITERATURA E A CONSCIÊNCIA NACIONAL

A reedição em dois volumes das Antologias que a CEI consagrou, entre 1951 e 1963, à produção poética de alguns países africanos de língua oficial portuguesa, permite considerar, mesmo se de maneira um tanto apressada, a relação que se teceu entre a problemática estritamente literária e os diferentes projectos políticos, sejam portugueses, sejam sobretudo africanos.

Parece-me indispensável pôr em evidência o elemento central: não havia ainda, nesse momento, literaturas especificamente nacionais, verificando-se também uma confusão evidente entre a escrita «colonial» e a escrita «africana». De resto, e do ponto de vista literário, a tendência geral da crítica portuguesa menosprezava o facto literário africano, na medida em que se registava o eco do racismo difuso mas constante que as ideias portuguesas aplicavam à África em geral e aos africanos em Portugal.

Tratando-se embora de um elemento secundário, creio ser útil salientar que a rejeição, ou em todo o caso o menosprezo, pela produção literária que então se processava em África ainda «portuguesa», não se aplicava apenas aos africanos. Os autores europeus que derivassem para a produção «africana» – quer dizer, considerando o meio físico, os valores culturais, as relações somáticas – passavam para a zona dos «brancos de segunda», esta categoria inventada pelo ministro das Colónias, Armindo Monteiro.

Os autores africanos eram considerados ou inexistentes ou primitivos, como de resto fizera José Osório de Oliveira que, na trilha cultural de Blaise Cendrars, organizara para a Agência Geral das Colónias uma antologia que retinha apenas a «tradição oral», tal como era fora definida pelos diferentes autores europeus. A nudez, a antropofagia – tão exaltadamente denunciada por

Henrique Galvão no texto que consagrou às «práticas» antropofágicas angolanas, que incomodavam os colonos e o poder administrativo –, a oralidade, eram os valores únicos dos africanos, pelo que não havia que se consagrar ao inventário e menos ainda à análise de produções literárias impossíveis.

O desfasamento entre os portugueses e africanos não podia, nesse plano como noutros, ser mais profundo do que era. Os estudantes que se concentraram na CEI conheciam outra realidade, tinham elaborado outros planos, possuíam uma relação diferente com os seus próprios países e com os portugueses. Do ponto de vista estritamente sociológico, a CEI não era um gueto, mas antes uma ilha cultural que, embora instalada num lugar relativamente central da cidade, só podia suscitar a curiosidade dos vizinhos, devido à quantidade de africanos que ali entravam. O que se fazia, consciente ou inconscientemente, era não só manter os valores culturais que caracterizavam cada país, mas afinar o projecto cultural que, nesse momento, era um elemento prévio à organização da reflexão política.

No plano prático, a produção cultural africana estava hipervigiada pela potência colonial que, fiel à política do salazarismo, procurou reduzir a formação escolar e cultural dos africanos, tal como já fizera em relação aos camponeses portugueses. A operação misturava duas séries de elementos: o desprezo pelos africanos que, para Oliveira Martins, estavam até abaixo, na escala zoológica, de alguns grandes macacos, e a necessidade de impedir que os dominados pudessem recuperar armas que os tornariam iguais e, mais gravemente, superiores aos colonos/colonizadores. A prática cultural portuguesa só acreditava na capacidade de enselvajamento dos africanos – como ainda lembra o receio pela cafrealização, que arrastava os europeus para o espaço dos africanos, aceitando os seus valores, as suas práticas culturais –, negando assim, do mesmo passo, toda e qualquer hipótese de criação cultural autónoma, menos ainda no plano da escrita.

Cabe sempre aos dominados inverter o processo de dominação: o dominador nunca renuncia voluntariamente ao seu poder. No caso das relações entre africanos e portugueses, cabia aos africanos,

eventualmente apoiados por uma minoria europeia ou branca, fornecer a prova da sua competência no plano do conhecimento. Porquê tê-lo feito primacialmente no campo da produção literária? Verifica-se neste caso uma evidente simetria: se a superioridade do branco colonizador se apoiava na escrita, o colonizado devia recuperá-la para a transformar em arma, permitindo a sua auto-afirmação e expulsando o colono dos espaços culturais africanos.

Estes problemas tornaram-se mais agudos entre 1953 e 1958, não só em Lisboa ou em Portugal, mas em África. Em Fevereiro de 1953, o governador de S. Tomé e Príncipe «inventou» uma conspiração africana que lhe permitiu organizar uma repressão tão cruel como inútil, de que foram vítimas centenas de são-tomenses, alguns dos quais morreram em condições atrozes na baía de Fernão Dias. Ao mesmo tempo, o governador procurou humilhar os intelectuais são-tomenses: alguns, a quem o governador tirara os sapatos, foram deportados para a ilha do Príncipe. Descalços, pensava o governador, pensavam os portugueses, estes africanos eram devolvidos à natureza selvagem de que não deviam ter saído.

O choque foi profundo, tanto mais que se estava na época em que as autoridades coloniais portuguesas estavam em vias de importar as teses do luso-tropicalismo que afirmavam, sem pudor, que o colonialismo português agira sempre sem recurso à violência. Pode hoje dizer-se, e tal era o sentimento de muitos estudantes africanos então em Portugal, que a guerra de Batebá criava uma cisão definitiva entre africanos e portugueses, sobretudo após as hesitações face ao destino a dar ao governador Carlos de Sousa Gorgulho. Este foi demitido mas foi condecorado, e pôde morrer tranquilamente na cama sem jamais ser julgado pelos crimes contra a humanidade que cometera.

Se o trabalho político se manteve bastante embrionário, registou-se imediatamente, em Abril de 1953, a publicação do primeiro caderno de poesia negra de expressão portuguesa, organizada por Francisco (José) Tenreiro e por Mário (Pinto) de Andrade. Se não se trata ainda de uma edição da CEI, é já o resultado dessa unidade africana que a instituição permitia e que encontrava um reforço – ou um

elemento paralelo – no CEA, Centro de Estudos Africanos, que funcionava sobretudo na Rua Actor Vale, em casa da família são-tomense Espírito Santo. Nenhum desses intelectuais era estranho à Casa e o malogrado Guilherme Espírito Santo assegurava a relação contínua entre as duas instituições.

O simples crescimento demográfico dos africanos dispondo de formação superior encarregava-se de modificar o teor das relações entre naturais e colonos, tanto mais que a tendência geral da colonização portuguesa era reservar todos os empregos, comerciais e administrativos, aos europeus ou aos seus descendentes. Essa tendência expulsava os africanos da gestão dos seus países e impedia-os, por outro lado, de adquirir a técnica da gestão. Só em Cabo Verde, e em parte em S. Tomé e Príncipe, se registava uma situação menos repressiva, embora fossem poucos os autóctones dispondo de funções importantes no quadro administrativo, comercial ou industrial.

Esperou-se muito da campanha para as eleições presidenciais de 1958, que mobilizou fracções importantes dos intelectuais africanos. Podemos hoje verificar, pois dispomos do recuo suficiente, que não se prestara a devida atenção, por parte dos militantes africanos, aos programas dos candidatos da oposição, quer de Arlindo Vicente, quer de Humberto Delgado. Não havia nada previsto no que se refere à política colonial, a não ser a eventual correcção das violências e dos excessos que se registavam no funcionamento da gestão colonial. Este vazio teórico ou programático é hoje impressionante, tanto mais que ele não podia deixar de ter consequências nos diferentes países ainda dominados.

Mas já a CEI vivia noutro ritmo, mobilizado por momentos que assinalavam, à escala mundial, o despertar político – e cultural – dos países e dos povos afro-asiáticos. Em 1955 reunira-se a conferência de Bandung, mas já em 1954 se registara a explosão dos Mau-Mau, no Quénia, contemporânea das primeiras independências, como a do Gana. Ou seja, enquanto os portugueses da oposição – os únicos dispondo dos meios culturais e teóricos para corrigir a

violência da colonização – se alheavam dos problemas africanos, os povos afro-asiáticos abalavam de maneira decisiva as estruturas e as regras das diferentes formas de colonização.

Como não assinalar a coincidência? Nesse mesmo ano de 1958, Mário Pinto de Andrade publica em Paris a primeira antologia do exílio – *Antologia da poesia negra de expressão portuguesa* – com um prefácio de título revelador, «Cultura negro-africana e assimilação». O eixo da reflexão dos africanos modifica-se de maneira substancial, pois que, perante as portas fechadas do colonialismo português, começa a organizar-se uma segunda cultura do exílio. Com efeito, são muitos os africanos que consideram a passagem por Portugal um acto de violência, física e cultural, cometido pelo colonialismo português.

O poema que denuncia com mais veemência essa situação é certamente aquele em que Alda Lara anuncia a sua ânsia de voltar, recuperando o lugar que lhe cabe na relação com o território, com as coisas e os homens, menos com estes do que com aquelas. Não era esse o projecto de Alda Lara, mas a verdade é que o seu poema acaba por denunciar a violência inaceitável do exílio, repelindo no mesmo movimento a relação com o território paterno, essa minúscula aldeia de Lara no concelho de Monção. A autora angolana repele a história familiar, tal como rejeita a natureza europeia, para exaltar de maneira veemente a natureza angolana.

Quando, após 1958, os dois jovens estudantes angolanos, Carlos Ervedosa e Fernando Costa Andrade, repensam a actividade editorial da CEI, é para se lançarem numa operação de grande envergadura que possui evidentes riscos políticos. O que pretendem eles? Nada menos, nada mais, do que assegurar a publicação dos autores ainda «ultramarinos», por razões que têm a ver com o trabalho constante e eficaz da PIDE e da Censura. As prisões portuguesas abrigaram durante meses e, às vezes, anos, os militantes que, não dispondo de estruturas políticas africanas organizadas se tinham integrado no combate da oposição portuguesa e, mais particularmente, nos quadros do Partido Comunista Português.

Evidentemente, esta operação não assentava no nada absoluto. Havia já uma certa genealogia literária africana que não podia ser ocultada nem esquecida. Nem todos os países possuíam a mesma tradição e havia que ponderar a estratégia a seguir, embora, como não podia deixar de ser, tivesse pesado constantemente a origem angolana dos dois principais responsáveis por estas operações. De resto, o inventário das produções individuais não era importante, sendo-o ainda menos a produção colectiva. As condições objectivas de liberdade de reflexão e de publicação não existiam, o que forçava os autores, e as instituições em que se apoiavam, a mostrar-se comedidos para evitar a violência da repressão. Por sua vez, os efeitos desta situação impediam a organização de uma reflexão ampla, capaz de assumir os diferentes aspectos das elaborações culturais possíveis ou desejáveis.

Quando, em 1959, Carlos Ervedosa organiza a primeira antologia da poesia angolana, parte do quase nada. A única antologia organizada até então pela CEI, na sua delegação de Coimbra, fora consagrada à *Poesia em Moçambique*. Os autores, Vítor Evaristo e Orlando de Albuquerque – o primeiro aluno de engenharia, o segundo de medicina – sublinhavam de maneira inconsciente, mas reveladora, a sua condição de moçambicanos de empréstimo, não reconhecendo a existência de uma poesia moçambicana, mas sim uma produção poética que tinha como lugar – embora nem sempre como cenário – o território colonial de Moçambique.

Já correram alguns regatos de tinta a respeito deste título, e não faltaram os esclarecimentos dos dois organizadores. A verdade, porém, hoje como ontem, reside na declaração unilateral que sublinha a ausência de uma vera poesia moçambicana, não havendo na imensa colónia senão alguns produtores esparsos, que não formavam um bloco suficientemente homogéneo para se poder organizar uma colectânea autenticamente moçambicana.

A discussão teórica presente nesta opção redutora serve para revelar a tibieza das escolhas «nacionais» destes jovens intelectuais que, nascidos embora em Moçambique, não eram contudo veros

anticolonialistas. O mal-estar provocado pelo título tem a ver com a recusa manifesta de uma autêntica produção moçambicana: neste imenso país não haveria nem poetas nem, sobretudo, produção poética quantitativa e qualitativamente reconhecíveis. A pouca poesia produzida em Moçambique não seria mais do que uma mera extensão da produção portuguesa, e de resto muitos autores nascidos e educados em Moçambique nunca foram senão autores portugueses (de Merícia de Lemos a Hélder Macedo).

Quer dizer que se tratava de organizar um projecto coerente, que pudesse ser levado a cabo nas condições teóricas e materiais que existiam então em Portugal e, mais particularmente, no quadro da CEI. O primeiro elemento reside na opção feita pelas antologias nacionais. Esta discussão começara já em 1958 quando, obrigado a abandonar Luanda, me tinha instalado na Avenida Duque de Ávila, praticamente em frente da CEI: bastava atravessar a rua para encontrar a vasta gama dos jovens estudantes africanos. As considerações literárias eram importantes, mas estava-se então em plena colonização, e ainda sem projectos políticos claramente desenhados. Os africanos da CEI estavam, alguns, ainda marcados pelo luso-tropicalismo em Angola claramente defendido por Mário António (Fernandes de Oliveira), que gozava de um grande prestígio intelectual, mas que politicamente se mostrara sempre incapaz de radicalizar seja a sua reflexão, seja sobretudo as suas escolhas. Mas havia já os pensadores mais radicais que pretendiam, acima de tudo, varrer o poder colonial.

Convém que nos entendamos neste ponto tão particular, porque há o risco sério de criar confusões: a decisão de se manifestar contra o colonialismo português não implicava para muitos uma actividade política coerente e consequente. Tratava-se mais de uma posição ideal e idealizada, que devia concretizar-se de maneira, por assim dizer, automática. Havia, é certo, o eco de duas revoluções: a chinesa, que devolvera o poder aos chineses, e a cubana, que permitira a liquidação da dominação colonial dos

Estados Unidos. É à sombra dessas duas bandeiras que se organiza uma parte não despicienda da reflexão política dos jovens africanos que irrigaram a CEI até 1961.

Antes e depois da intervenção editorial da CEI, organizaram-se antologias onde foram concentrados os autores e as produções dos países africanos ainda dominados pelos portugueses. A discussão que se travou na CEI partia do princípio de que se devia reconhecer a autonomia dos criadores de cada país, não devendo essa autonomia ser comprometida, ou pior, dissolvida, pela organização de antologias-mosaico. Para os responsáveis da CEI, este tipo de antologias que misturava os vários «países» africanos, negava a autonomia política de cada um. A essência do debate era essa, pois importava, acima de tudo, sublinhar a relação directa e constante entre criação e hegemonia cultural, garante da hegemonia política que se devia conquistar. A lógica da política frentista – recuperada mais tarde pela Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP), graças à energia de Aquino de Bragança – não aparecera ainda nem, sobretudo, nos parecia capaz de servir os projectos culturais.

Não faltará quem descubra nesta posição teórica uma contradição, mas penso que não havia tal. O que estava em causa era, de maneira evidente, para cada grupo nacional, a necessidade de assegurar a autonomização dos instrumentos culturais que, permitindo a afirmação da capacidade criadora, fornecesse ao mesmo tempo os alicerces a uma consciência nacional cada vez mais liberta do peso dos obstáculos colonialistas. Estávamos também convencidos de que a produção literária depende do quadro ideológico em que é elaborada, e não hesitámos em pôr em evidência o laço íntimo que a unia às escolhas sociopolíticas. Esta posição permitia, entre o mais, definir o laço que associava a criação literária num determinado momento à consciência nacional em elaboração.

O trabalho do antologiador dependia por isso da precisão do quadro teórico – que alguns não deixarão de designar como sendo claramente ideológico –, na medida em que se tratava de proceder

a uma escolha representativa das situações culturais. Os compromissos são, contudo, evidentes, se procedermos a uma análise retrospectiva: há ainda demasiados colonos nas antologias de Angola e de Moçambique, o que já não se verifica na antologia consagrada a S. Tomé e Príncipe, possivelmente por ter sido a última dessa série, o que permitiu que uns e outros dispusessem de uma visão teórica menos comprometida com um falso ecumenismo. Não se chegou a publicar a antologia consagrada a Cabo Verde por razões que têm a ver com algumas vicissitudes políticas minhas (depois de ter passado grande parte dos anos de 1962 e 1963 nas prisões da PIDE – Porto, Aljube, Caxias –, acabei por ser forçado a exilar-me em 1964). Ora, a distribuição interna das tarefas tinha-me «dado» o difícil pelouro da organização da antologia.

Também se pode compreender facilmente a situação delicada do grupo que se ocupava da elaboração e da produção destas antologias, que também incluía, entre outros, os malogrados José Manuel Vilar e José Ilídio Cruz: ao reconhecer a necessidade da política frentista, não podia deixar de considerar a necessidade paralela de assegurar a autonomia da produção cultural de cada país. Acrescente-se que o debate ainda não está terminado, na medida em que a fórmula dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) – criada por Carmo Vaz – recupera a lição frentista mas, desta vez, por parte da antiga potência colonizadora que continua, desta forma, a tentar manter uma ligação hegemónica com as antigas colónias e não já com os países independentes.

Na altura, a nossa preocupação teórica e prática era grande, tanto mais que se registava a forte presença de militantes do Partido Comunista que pretendiam fazer da CEI um dos elementos importantes de uma acção anticolonialista então em via de se elaborar.

Esta elaboração teórica organizava-se praticamente sem a participação de orientações políticas provindas dos diferentes movimentos de libertação. A única excepção era a do PAIGC, que estruturara mais seriamente as suas células, tal como mantinha relações mais directas e contínuas com os responsáveis políticos

do movimento, incluindo Amílcar Cabral. Jorge Querido, que também dirigiu a CEI, depois de ter passado pela delegação de Coimbra, contou já, embora de maneira sucinta, os passos principais desta actividade política. No que diz respeito aos angolanos, o primeiro cartão de militante do MPLA aparecido em Lisboa e, naturalmente, na CEI, foi o de Álvaro Santos (Zefos) que, entrementes, estivera em Paris, na famosa e quase mítica «embaixada» instalada na Rua Hypolite Mandron.

A nossa proposta impôs-se, por assim dizer, naturalmente, pois receávamos acima de tudo a diluição de cada país num bloco que não podia deixar de manter as dobras incómodas que lhe tinham sido impostas pela potência colonial. Não encontrámos grande eco fora da CEI nem nas «colónias» que procuravam com uma ansiedade crescente adquirir a sua independência absoluta. Não lha podíamos dar no plano político, mas assumimos a dura responsabilidade de procurar devolver-lha em termos de criação poética. A publicação de cada uma destas antologias, elaboradas com os parcos meios de uma associação que não podia contar com mecenas – a não ser, de vez em quando, a Fundação Calouste Gulbenkian através do angolano Vítor Sá Machado –, representava um acontecimento importante que, de resto, a Censura acompanhou com interesse, como no caso da Antologia consagrada a Moçambique, que teve a honra de ser pura e simplesmente proibida e apreendida.

Acrescente-se, por me parecer útil e sobretudo por permitir compreender a ausência de relações culturais entre a cultura portuguesa oficial – da situação e da oposição –, que estas publicações não encontraram eco na crítica e nas publicações portuguesas, jornais ou revistas, ou nas universidades onde havia especialistas de literatura. Só raramente alguns críticos se pronunciaram, com timidez: Álvaro Salema, com alguma frequência, e dois homens da direita fascista, Carlos Cunha, na altura jornalista do «Diário Ilustrado», antes de ser o responsável pela informação política da PIDE em Paris, e Amândio César que, em determinado momento, também assinou os seus textos com o pseudónimo familiar de Margarido Pires.

Naturalmente, a situação política modificava-se muito rapidamente, tendo provocado a maior hemorragia jamais verificada entre os estudantes africanos instalados em Portugal: 1961 registou a saída clandestina de jovens estudantes, e essa operação coincide com a eclosão da guerra colonial em Angola. O 4 de Fevereiro desse ano transformou-se rapidamente em data padrão, na medida em que assinalava a mudança de qualidade do afrontamento. A operação era significativa, mas provocou as reacções racistas de um grande número de portugueses que, uma vez mais, tinham razões para denunciar a «selvajaria» dos africanos. Retenha-se a história minúscula que atingiu Carlos Ervedosa, obrigado a mudar de casa devido ao facto de a sua senhoria, proprietária de uma roça de café destroçada no Norte de Angola, o considerar senão responsável directo, pelo menos cúmplice moral de tais «selvagens».

O equilíbrio das forças, assim como as relações teóricas, não podiam deixar de mudar, embora a CEI continuasse como se a situação fosse normal. Não o era já, mesmo se as autoridades levaram ainda quatro anos antes de proceder ao seu encerramento, onde parece ter pesado a intervenção do antigo ministro Silva Cunha, que se tornara um especialista da informação policial, como mostrou bem Donato Balo no livro que consagrou à antropologia oficial portuguesa. Sentia-se, contudo, uma atmosfera de cerco que nem sequer as descidas contínuas aos cafés da Duque de Ávila podiam atenuar. Se as autoridades policiais não se decidiam a encerrar a instituição, também não lhe facilitavam a vida, tentando primeiro arruiná-la por meio da Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos, que procurava atrair os estudantes africanos, sem contudo conseguir submetê-los aos valores do colonizador.

Nunca, contudo, se permitiu que a repressão pudesse pôr termo às actividades consideradas indispensáveis, sabendo-se embora que se corria constantemente o risco de amanhecer ou anoitecer numa cela do Aljube. Sempre que essa hipótese foi encarada, e havia que o fazer dado que as publicações da CEI eram deliberadamente contra o regime e sobretudo contra a legitimidade colonizadora, foi ela rejeitada.

Confesso que não compreendi muito bem a passividade dos especialistas portugueses da repressão. A não ser que, incultos como eram, considerassem a produção literária como um divertimento infantil, quando ela era resultado da actividade dos africanos. Mais uma consequência do racismo? Quase certamente, corrigida tarde, não pela própria polícia, mas por um especialista da luta antinacionalista.

Convém por isso salientar o notável sangue-frio de Carlos Ervedosa, como de outros dirigentes da instituição, tudo jovens estudantes que não se deixaram intimidar pela pressão constante exercida pelas autoridades de tutela, que só tarde se resignaram a ordenar o encerramento. Teriam elas esperado que a CEI morresse por si, ou se voltasse para as autoridades em nome do luso-tropicalismo? Não disponho da autoridade necessária para exigir que, na Torre do Tombo, me sejam confiados os processos da PIDE que, todavia, devem ser importantes, mas alguém terá de o fazer, se o prof. Jorge Borges de Macedo, filho do «colonial» – como se dizia na época – José de Macedo, o consentir. Até lá, convém sobretudo sublinhar a maneira subtil como se geria as consequências do começo da guerra colonial, quando havia «sierras maestras» em todos os cantos africanos.

As razões são mais do que evidentes, e sublinham a relação existente entre o discurso político e o discurso cultural: este não reconhece e não distingue senão aqueles que são primeiro reconhecidos – seja positiva, seja negativamente – pelos instrumentos políticos. Nem podia deixar de ser assim, se não quisermos repetir a insanidade corrente nos dias de hoje, que proclama a morte das ideologias. Como se esta proclamação não fosse mais do que uma nova ideologia, encarregada de limpar as cavalariças de Augias para permitir a instalação das ideologias que avançam camufladas atrás deste imenso epitáfio consagrado às ideologias mortas. A situação não nos surpreendeu, pois era esperada e reforçava a certeza de não haver nenhum laço funcional e eficaz entre as colónias e o país português.

Ou seja, os exilados africanos viviam numa situação bastante particular, visto que eram obrigados a matricular-se em liceus e, sobretudo, universidades portuguesas, embora não quisessem, nem pudessem, renunciar aos seus valores nacionais. A CEI desempenhava um papel fundamental, na medida em que recusava a dissolução desses laços. Se posso evocar, mesmo se rapidamente, a minha experiência, lembro-me que durante alguns anos continuei a viver na Luanda que o governo fascista me obrigara a abandonar, graças aos muxiluandas que povoavam a CEI. Acrescentarei que este convívio, diurno e nocturno, me permitiu compreender melhor as opções angolanas, tendo-me permitido corrigir muitos *a priori* que conservara, mau grado a visão desapiedada que era então a minha a respeito da colonização portuguesa.

Se fosse um especialista da etnopsiquiatria, como o foi George Devereux, diria sem o mínimo titubeio que a CEI permitiu que não poucos estudantes africanos pudessem manter o equilíbrio psíquico, algumas vezes ameaçado pela violência do desenraizamento e, sobretudo, pela descoberta das condições tão particulares do racismo português. Mas, sem querer empenhar-me num domínio tão especializado, deve acrescentar-se que a possibilidade de manter essa relação física com os outros, os compatriotas primeiro, os africanos em geral depois, permitiu a elaboração de uma cultura particular, cuja eficácia podia ser entendida também por via das múltiplas publicações asseguradas pela secção editorial da instituição. Na falta de documentos políticos, inexistentes ou raros, os africanos podiam encontrar os elementos essenciais da sua consciência nacional na criação literária.

Qual a razão que levou a dar tanta atenção à produção poética? Com efeito, só foi publicada uma antologia consagrada à ficção angolana, organizada por Fernando Mourão, que também pertencia à secção de Coimbra, antes de o serviço militar o transformar num lisboeta como os outros. Esta questão parece justa, mas creio que ela se explica pelas particulares condições da produção cultural portuguesa: a poesia, que se serve da metáfora – cuja polissemia é

evidente e constante – permite que se digam as coisas de maneira codificada. Esta situação já tinha permitido à sociedade portuguesa furtar-se à violência do controlo exercido pela Inquisição, e esta tendência foi transferida para as colónias. Os colonizados não podiam rejeitar a experiência do colonizador.

Diz-se vulgarmente ser Portugal um país de poetas. É menos do que isso: um país de fazedores de versos. Os autores africanos adoptaram a mesma estratégia perante os portugueses embora, como se pode verificar consultando a *História da Literatura Angolana* de Carlos Ervedosa, a orientação primeira da escrita angolana tenha sido polémica e em prosa. A evolução para a poesia faz-se pouco a pouco, à medida que se agravava a repressão portuguesa, que reduziu muito o acesso à escrita e à edição dos autores angolanos, como pode mostrar a análise de uma publicação fundamental, a revista *Angola*, que tem sido pouco estudada e raramente sequer citada. Por essas razões, os angolanos foram sendo levados a preferir a elaboração poética, que não pode, contudo, afastar-se do seu compromisso com a sociedade, como mostra a maior parte desta poesia que procura empenhar-se na denúncia da violência colonial.

Foi, de resto, esta opção que provocou não poucos comentários brutais e esteve na origem da denúncia polémica por parte de alguns intelectuais moçambicanos, que defendiam uma concepção apenas estética que devia separar-se de qualquer relação com as escolhas políticas ou as denúncias sociais. Não vale a pena retomar todos os elementos dessa polémica que está ainda viva, trinta anos depois, o que mostra a que ponto a produção da CEI tinha atingido o cerne dos problemas da relação entre colonizados e colonizadores. O facto de ainda hoje não se ter esclarecido este ponto: quem são, realmente, os autores moçambicanos, sublinha a confusão teórica e prática que se instaurou.

Já tal se não se verifica nas demais literaturas onde, pouco a pouco, as consequências das independências liquidaram a confusão entre os angolanos e aqueles que pretendiam sê-lo em nome dos valores e de situações que dependiam inteiramente da situação

colonial. A homogeneidade dos homens e dos temas em algumas literaturas, como no caso de S. Tomé e Príncipe ou de Cabo Verde, serve para pôr em evidência as diferenças dos processos de dominação, assim como a pouca importância dos autores não nacionais. A confusão, teórica e ideológica, às vezes prática, verificou-se nos países mais atingidos pela colonização, como é o caso de Angola e Moçambique. Nestes dois países ainda não está esclarecido o debate que gira em torno do estatuto dos nacionais e, por consequência, do próprio estatuto da criação.

Se tivesse de fazer um comentário ao meu próprio trabalho, diria que lamento não ter sido mais radical na exclusão dos colonos, na medida em que estes não estavam incluídos no âmbito da consciência nacional de cada um dos países considerados. Não se trata, e creio que o devo afirmar com clareza, de eliminar os autores devido a simples considerações somáticas, mas sim de considerar as relações que sustentam com a nação, entendida esta no plano político, que concentra os interesses dos homens. Continuo a ficar chocado com o número de «africanos», particularmente «moçambicanos», que renunciaram à sua «pátria poética», para regressarem à pátria portuguesa. Pátria administrativa, mas mais do que isso: pátria sentimental, pátria de criação.

O caso de Mário António tornou-se, neste campo, paradigmático, tão patética se tornou a tentativa de se tornar um poeta estritamente «lusíada», incapaz de compreender que o seu lugar poético não era em Portugal, em Lisboa, ou na Europa, mas sim na Maianga ou na Mutamba, esperando o autocarro, quer dizer, o machimbombo. Espero que alguém consagre a esta deriva de um homem tão luandense como Mário António a análise que merece, na medida em que não é este o lugar conveniente para o fazer. Mas ela revela precisamente o tipo de perversão luso-tropicalista a que queriam fazer face as antologias organizadas pela CEI, fossem quais fossem as relações de amizade com Mário António. Haverá certamente outros casos de autores transviados, mas nenhum tão paradigmático como este, na medida em que nenhum poeta luandense soube

descrever com tamanha densidade as relações problemáticas dos homens com os seus espaços, que não podiam ser confundidos com aqueles que as demais poesias de língua portuguesa então veiculavam.

Registe-se, todavia, a falta de estudos consagrados à produção literária colonial que, a existir, teriam já permitido uma destrinça mais eficaz entre o que pertence ao domínio africano e aquilo que não é senão uma produção colonial e colonialista. Os especialistas da história literária brasileira aceitam – embora com protestos de Afrânio Coutinho – a existência de uma literatura colonial no Brasil que permite a emergência dos autores intrinsecamente brasileiros. E, se bem que o modelo brasileiro não possa ser automaticamente utilizado no caso das literaturas africanas, pode ele fornecer uma base teórica considerável. Qual o lugar histórico que pode caber a esta produção colonial? Mais ainda: quais os autores e as obras que devem ser incluídos nesta categoria, alguns dos quais ainda hoje tropeçam na incerteza do seu próprio estatuto?

Estas antologias procuraram esboçar uma parte da resposta, embora falte aqui aquela que, encerrando o ciclo – não tínhamos encarado a necessidade de uma antologia da Guiné-Bissau, embora tivéssemos «inventado» a poesia de Baticã Ferreira –, nos teria permitido salientar a diferença fundamental entre Cabo Verde e os demais países, demasiado marcados pelos colonos. Com efeito, a literatura cabo-verdiana afirmara-se claramente independentista já nos finais do século XIX, só tendo sido parcialmente acompanhada nesse projecto e nessa reivindicação por alguns autores angolanos. O importante era, por isso, reduzir o número de autores coloniais em proveito de uma representação mais deliberadamente africana. Quer dizer que a produção literária devia ser acompanhada por uma manifesta posição política que reconhecesse a independência nacional e a hegemonia da sua consciência nacional.

As condições em que se processou a operação que teima em chamar-se «descolonização» ainda não permitiram que os países mais marcados pela presença dos colonos pudessem debater com a tranquilidade necessária estes problemas. A guerra civil, que não é

senão uma sequela da guerra colonial, não o permitiu ainda, mesmo se o debate não está completamente esquecido, na medida em que ainda não se procedeu a operações analíticas calmamente estruturadas. A violência da guerra colonial contribuiu para uma obliteração dos termos do debate, mas a análise destas antologias pode servir também para, primeiro, definir os termos históricos da situação, segundo, analisar as distorções evidentes, consequência da falta de clareza das escolhas, mesmo quando as opções teóricas, sempre em nome da hegemonia e da consciência nacionais, estavam claramente enunciadas.

A verdade, porém, é que, tendo considerado com a atenção necessária as lições teóricas dos antigos colonizados americanos, de Alejo Carpentier a Mariatégui, de Aimé Césaire a Frantz Fanon, de António Cornejo a Fernandez Retamar, por serem mais pertinentes, podíamos dispor de uma reflexão teórica que não dependia das formas neo-realistas, inspiradas ou não pelo realismo socialista. Preferíamos apoiar-nos nos autores que, sendo descendentes de antigos «dominados», ou até «dominados» actuais, tinham sido obrigados a «inventar» a sua própria consciência nacional, não tendo hesitado em propor uma profunda e original mestiçagem cultural.

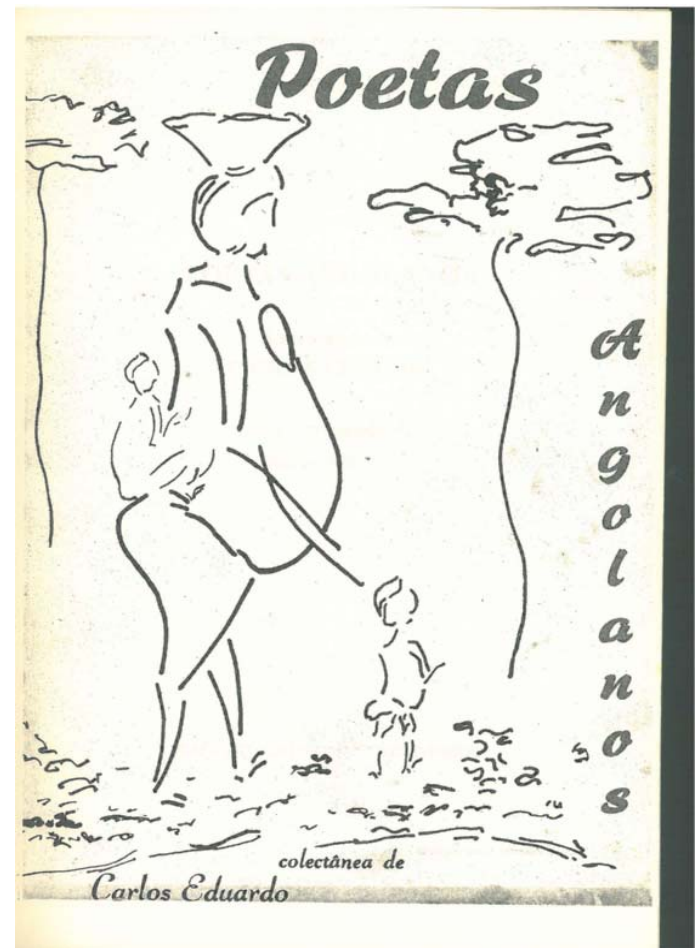
Não se tratava, contudo, de uma mestiçagem cultural dominada pelo sincretismo imposto pelo colonizador, mas sim do movimento interno que tornava possível a superação das diferentes barreiras etnocêntricas que ainda impediam a aparição dessa mestiçagem tão fecundamente interafricana e que, no caso angolano, permitia que os kongos ou os quimbundos se reconhecessem nos projectos dos lundas ou dos cuanhamas. Esta mestiçagem criara por isso várias formas africanas, não para depender do colonizador, mas para dele se separar de maneira cada vez mais radical. O que se fizera no plano estritamente cultural podia e devia ser repetido, tanto no plano genésico como no político, devolvendo aos africanos a sua independência, que lhe permitia recuperar uma hegemonia que só se perdera na segunda metade do século XIX. Esta operação não

podia deixar de pôr de lado algumas exacerbações molemente estéticas em proveito de soluções éticas que exigiam a invenção política e, não poucas vezes, a voz das armas.

O que quer dizer que as antologias organizadas pela CEI nunca hesitaram em denunciar a falsa homogeneidade das produções literárias, tão defendidas pelo colonialismo satisfeito, mesmo quando era assumido pelos intelectuais que não queriam aceitar a sua condição de colonos, autotransformando-se em «nacionais», recusando contudo pagar o elevado preço que os portugueses iam impondo aos autênticos combatentes nacionais e nacionalistas. Assim se podia identificar a má consciência dos colonos bem instalados nos simples – e naturalmente desideologizados! – valores estéticos, ao lado da necessidade africana de denunciar as formas de dominação violenta de que eram vítimas. Não parece, desgraçadamente, que tenham acabado os problemas ligados a estas formas de dominação, mesmo se mudaram de perfil. A leitura ou a releitura dos autores escolhidos permite contudo compreender não só a perplexidade dos organizadores das antologias mas, sobretudo, a violência da tarefa que se impõe a criadores e analistas.

Alfredo Margarido
1994

Poetas
Angolanos
colectânea de
Carlos Eduardo

Capa de Fernando Costa Andrade

POETAS ANGOLANOS

Colectânea de
CARLOS EDUARDO

com um estudo de
Mário António

CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA
1959

Poesias

AMÍLCAR BARCA

Minha Terra

De vez em quando, oiço uma voz fina, canora,
que dos recantos do meu quintal
p 'los ares erra.
É voz que canta? É voz que chora?
Voz de criança, ou de jogral?...
Em todo o caso, é voz que fala:
«Minha terra, minha terra... minha terra!»
E eu me embeveço, ao escutá-la:
«Minha terra... mi...»

Tu, que nasceste assim dotado, ó passarinho,
p'ra articular o som da voz,
tu, ó escurinho,
que, como nós,
tens esta bossa...
(Entendo bem, quando tal som pelo ar flutua)
tu tens razão: a terra é tua!
A terra é tua, a terra é minha, a terra é nossa.

Eu não te invejo, ó ave parda,
porque tu nada me arrebatas do que é meu.
A própria terra é que se entrega e nunca tarda
em sacrifícios pelos seus filhos,
que és tu, sou eu
e somos todos os viventes.
De mim, não há, pois, impecilhos.
Pelo contrário, se mo consentes,
ecoarei a tua voz, sempre que possa:
«Minha terra, minha terra...»

Porque a verdade nisto se encerra,
toda inteirinha:
A terra é minha!
A terra é minha, a terra é tua, a terra é nossa...

Vai, passarinho,
comer, cantar, voar, pousar, fazer teu ninho...
É o direito, é o dever, que a vida acossa,
Proclama, pois, ao sol e à lua:
«Minha terra, minha terra!...»
que a terra é tua...
A terra é tua, a terra é minha, a terra é nossa.

BESSA VICTOR

O Menino Negro Não Entrou na Roda

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas – as crianças brancas
que brincavam todas numa roda-viva
de canções festivas, gargalhadas francas…

O menino negro não entrou na roda.

E chegou o vento junto das crianças
– e bailou com elas e cantou com elas
as canções e danças das suaves brisas,
as canções e danças das brutais procelas.

E o menino negro não entrou na roda.

Pássaros, em bando, voaram chilreando
sobre as cabecinhas lindas dos meninos
e pousaram todos em redor. Por fim,
bailaram seus voos, cantando seus hinos…

E o menino negro não entrou na roda.

«Venha cá, pretinho, venha cá brincar»
– disse um dos meninos com seu ar feliz.
A mamã, zelosa, logo fez reparo;
o menino branco já não quis, não quis…

E o menino negro não entrou na roda.

O menino negro não entrou na roda
das crianças brancas. Desolado, absorto,
ficou só, parado com olhar de cego,
ficou só, calado com voz de morto.

MAURÍCIO GOMES

Estrela Pequenina*

Exortação
…
Mas onde estão os filhos de Angola,
se os não oiço cantar e exaltar
tanta beleza e tanta tristeza,
tanta dor e tanta ânsia
desta terra e desta gente?
…

VIRIATO DA CRUZ

Serão de Menino**
Sô Santo**
Namoro**

AGOSTINHO NETO

Fogo e Ritmo***
Aspiração***
Mussunda Amigo***

* Ver página 121
** Ver páginas 135 a 140
*** Ver páginas 157/159 e 162

MÁRIO ANTÓNIO

Poema

Noites de luar no morro da Maianga.
Anda no ar uma canção de roda:
«Banana podre não tem fortuna,
fru-ta-tá, fru-ta-tá…»,
Moças namorando nos quintais de madeira;
velhas falando conversas antigas,
sentadas na esteira;
homens embebedando-se nas tabernas;
e os emigrados das ilhas…,
– os emigrados das ilhas
com o sal do mar nos cabelos,
os emigrados das ilhas
que falam de bruxedos e sereias
e tocam violão
e puxam faca nas brigas…
– Ó ingenuidade das canções infantis,
ó namoro de moças sem cuidado,
ó histórias de velhas,
ó mistérios dos homens,
– vida:
Proletários esquecendo-se nas tascas,
emigrantes que puxam faca nas brigas
e os sons do violão,
e os cânticos da Missão,
os homens,
os homens,
as tragédias dos homens

O Amor e o Futuro*
Linha Quatro**

* Ver página 169
** Ver página 170

ANTÓNIO JACINTO

O Grande Desafio*
Carta de Um Contratado**
Poema da Alienação***

Vadiagem

Naquela hora já noite
quando o vento nos traz mistérios a desvendar
muceque em fora fui passear as loucuras
com os rapazes das ilhas:
Uma viola a tocar
o Chico a cantar
(Que bem canta o Chico!)
e a noite quebrada na luz das nossas vozes

Vieram também vieram também
cheirando a flor do mato
– cheiro grave da terra fértil
as moças das ilhas
sangue moço aquecendo
A Bebiana a Tereza a Carminda a Maria

Uma viola a tocar
o Chico a cantar
a vida aquecida com o sol esquecido
a noite é caminho
caminho caminho tudo é caminho serenamente negro
sangue fervente
cheira bem a flor do mato
a Maria a dançar
(que bem que dança remexendo as ancas)

* Ver página 153
** Ver página 143
*** Ver página 149

E eu a querer a querer a Maria
e ela sem se dar

Vozes dolentes no ar
a esconder os punhos cerrados
alegria nas cordas da viola
alegria nas cordas da garganta
e os anseios libertados
das cordas de nos amordaçar...

Luz morna a cantar com a gente
as estrelas se namorando sem romantismo
na praia da Boavista
o mar ronronando a nos incitar
todos cantando Certezas
a Maria a bailar se aproximando
sangue a pulsar
mocidade correndo
a vida
peito com peito
beijos e beijos
as vozes cada vez mais bêbedas de liberdade

A Maria se chegando
A Maria se entregando

Uma viola a tocar
e a noite quebrada na luz do nosso amor...

HUMBERTO DA SILVA

Rosa Negra

Em casa da negra Rosalina
já ninguém bate à sua porta...
nem mesmo os estudantes, tímidos e imberbes,
que para a frequentar
tinham de vender livros usados
ao leiloeiro da esquina!

Agora o seu companheiro é o luar...
É ele que a conforta na noite sem fim,
em que ela se prepara,
se penteia e se pinta com carmim,
na esperança que alguém bata à sua porta
e traga consigo um pouco de pão salgado!

Mas ninguém vem! É deserta a sua noite...
Ela, a quem os homens disputavam
à luz baça dos candeeiros de petróleo,
naquele tempo da rua da «Pedreira»
onde, de porta em porta, se vendiam
rosas negras, algumas ainda em botão!
E tudo aquilo era tão simples, tão fácil,
– bastava um bocado de pão...

Agora o teu coração, que não te engana,
sabe que nada te poderá salvar!
E que amargura tão desumana,
pressentires a morte a rondar,
enquanto lá fora, pelas sombras dos caminhos,
paira a poesia da vida, do amor e do luar...

Pobre negra tísica, de olhos já roxos,
tristemente meigos e meigamente tristes,
sempre a sorrir tão docemente...

Ah! (dizem todos) que linda negrinha!
Que pena ser doente!...

Mas a morte guardará o teu segredo
e a história desse mundele que te abandonou
e a quem te entregaste, certa noite, a medo,
enquanto que no céu a lua
ungia de mistério a tua carne quente e nua!

Hão-de gemer ngomas e quissanjes
e ruflar tambores pela noite fora,
e os feiticeiros cantarão, tristemente,
esses cantos próprios de quem sofre e de quem chora.
E virão de longe os teus parentes,
até mesmo aqueles que vivem nas terras do Gonga.

Agora já ninguém se lembra da negra Rosalina,
em casa de quem se reuniam, disfarçadamente,
senhores respeitáveis e de «boa situação»...
Bons tempos aqueles em que a Rosalina dizia:
«Teresa, bota churrasco na grelha»;
«Teresa vai buscar vinho na loja
do sô Garvão!»

Pobre rosa negra que o vento decepou
sem ter visto sequer o despertar da manhã,
pois se perdeu porque quis vencer
a sua triste sina de mulher perdida,
passando a ser mais uma rosa negra
desfolhada sobre os lamaçais da vida!

Agora já ninguém a procura ou chama...
Há silêncio no seu peito,
há silêncio na sua alma,
há silêncio no seu drama!

ALDA LARA

Regresso[*]

LESTON MARTINS

Canção do Mar Vermelho

Amor,
(Se é que amor te poderei chamar)
eu aguardo a tua presença, aqui, sozinho,
vendo o céu vermelho com nuvens vermelhas
brincando de mansos cordeiros vermelhos
e as aves marinhas que recolhem em bandos aos seus lares
e a terra arenosa e agreste e pesada
e o mar vermelho tinto de sangue
de tantas lágrimas choradas.

É a hora do silêncio, é a hora do poente,
é a hora em que estás longe e não pensas em mim,
e em que os meus braços são curtos
para encurtarem a distância e te enlaçarem
é a hora em que ante os meus olhos
passa o drama de uma raça sacrificada
nos porões das barcas do seu destino
levando-a para paragens longínquas e ignoradas...
... e a impossibilidade daqueles braços másculos
de fazerem um gesto de liberdade
e o choro convulsivo e angustioso das mães
suspendendo dos seus peitos mirrados e ressequidos
as bocas famintas de crianças inocentes
e o terror e a tristeza daquela juventude
sem alegria, sem vida, quase morta...

[*] Ver página 185

E o mar vermelho está calmo e triste
e o sol está agonizando no horizonte
e o vento não brinca nas alturas
nem faz suas doidas espirais de pó.

Nesta hora, amor, há sempre vozes no ar,
vozes que vêm de longe e vão para longe,
vozes que batendo nas ondas do mar
a canção de mil braços que se abraçam
e não se separam quando sibila o chicote;
é a canção colorida da esperança,
é a canção da vida e do mundo
que partia do fundo das catacumbas
e andava passeando à noite pela terra.

Apertaram-se os peitos, calaram-se as bocas,
mas a canção não morreu;
ela anda por aí correndo ao vento
colorida de esperanças sem fim
mostrando aos homens que a sua vida não se acaba
mesmo que se apertem todos os peitos,
mesmo que se calem todas as bocas.

Amor vem ter comigo,
acaba com a distância que nos separa
e vem ver o mar vermelho
de tanto chorar lágrimas de sangue
e aprende no barulho das ondas
a canção de amor, a canção da vida e do mundo,
a canção que não morreu!

ANTERO ABREU

Libertação

Das mentiras loucas que me envolvem
Vou quebrar os liames um a um
E da angústia da libertação
Nascerá um dia a paz
Do ser e do não ser.

Das mentiras vãs que me amordaçam
os véus arrancarei a um e um
Tristes despojos dum passado velho
que em mim se quis perpetuar.

E deixarei um rasto de desilusões;
Um caminho de lágrimas choradas;
Um pouco do que fui em cada dia.

Mas ficarei seguro e afirmado,
Com a serenidade dum Buda na floresta,
Com a nudez dum Cristo no redil.

ERMELINDA XAVIER

Choro

Ai barco que me levasse
a um rio que me engolisse
donde eu não mais regressasse
p'ra que mais ninguém me visse!

Ai barco que me levasse
sem vela ou remos, nem leme
p'ra dentro de todo o olvido
onde não se ama nem teme.

Ai barco que me levasse
aos tesouros conquistados
por entre esquinas de perigos
dos mil caminhos trilhados.

Ai – onde? – que me levasse
bem dentro de um vendaval...
Barco berço, barco esquife
onde tudo fosse igual.

Ai barco que me levasse
toda estendida em seu fundo!
Nesga de céu a bastar-me
toda a saudade do mundo!

ANTÓNIO NETO

Os Mortos Perguntam

Nos rumos perdidos dos ventos trocados,
Todos os rumos,
Nos fumos das piras dos mortos cremados,
Todos os fumos
de todas as piras...
Nas iras dos mares
Que beberam sangue
Todas as iras...
Na ânsia enlutada de todos os lares
Vazios de esperança
Todas as ânsias
De todos os lares...
Nos sexos sangrentos das virgens violadas
Os farrapos
a sangrar
De todos os sonhos que homens sonharam
E homens violaram...
Em todas as dores dos vivos da terra
todas as dores dos mortos da guerra...
E os rumos perdidos
e os corpos ardidos,
e as iras inúteis,
e as ânsias caladas,
E os sonhos, sujos como vidas de virgens violadas,
E todas as dores
de todos os mortos que a guerra matou,
e todos os lutos
de todos os vivos
que a guerra enlutou,

Perguntam,
perguntam,
perguntam
a todos os ventos
a todos os mares
às roupas de luto de todos os lares,
Se valeu a pena…
… Os mortos perguntam…
Mas os ventos trocam-se,
o mar não serena,
as viúvas continuam a chorar,
e os mortos não param de perguntar
se valeu a pena…
… Mas a esperança é longa
é bela de agarrar no fundo dos martírios…
Os mortos perguntam,
Os mortos protestam…
…Irmãos, os braços são magros,
mas longos,
Longos da ânsia de querer…
… A pergunta é grande e a força é pequena,
mas só nós podemos, Irmãos, responder,
Se valeu a pena…

ALEXANDRE DÁSKALOS

Lei*

* Ver página 194

LÍLIA DA FONSECA

Poema da Hora presente

A maré sobe
longínqua e distante,
mas sobe…

Tem a força de um atlante
e a frescura gloriosa da manhã!

Podem forjar matadoiros,
abrir veia por veia
os pulsos que não suportam algemas;
e preparar sorvedoiros
e emboscadas de atalaia
e erguer barreiras na praia
contra a onda que se alteia
para afogar nos seus braços
abismos de escuridão…

Areias louras da praia
a hora da maré cheia
cantai-a,
não há barreira que tolha
a gloriosa ascensão!

Onde o poder p'ra impedir
que a Primavera floresça?

Aconteça o que aconteça,
a Primavera há-de vir
e a maré,
longínqua e distante,
continuará a subir…

AIRES DE ALMEIDA SANTOS

A Mulemba Secou*

COCHAT OSÓRIO

Ode ao Mar

Ondas e praias
e pedras e conchas
e ossadas
de aventuras antigas dos homens naufragadas,
afogadas,
pelo mar.
E infinitos de verde e de esperança
e raivas embutidas na bonança,
horizontes de bruma e de incerteza
canções de bocas frescas, encantadas,
enquanto a voz agreste
cresce
e grita
essas loucuras trágicas das noites
em que anda ao longe a voz de um sino triste
a badalar avisos aos que morrem
pelo mar.
E a planície de prata
das noites de luar.
E o ódio,
o ódio forte dessas ondas
que arrasam praias,
desfazem rochas,
assaltam mundos,
numa ânsia infinita de tragédia,

---

* Ver página 124

numa fome insondável de igualdade
e de amar.
E os esgotos das praias a sujar as águas…
E o vinho ensanguentado do sol posto,
a encher o mar dum saibo a mosto,
a embriagar…
Quando olho o mar da torre de marfim
da ânsia inconsolável do meu ser,
não vejo o mar
não vejo o mar
não,
eu vejo a multidão
daqueles que são como eu insatisfeitos
e sentem a sangrar dentro do peito
a dor
e o medo
e a solidão.
Não é o mar, não é:
apenas a imagem dos homens a lutar.
E eu sinto nessas vagas pacientes
proletários da estiva de mil portos,
os poetas de todos os poemas,
os bêbados de todas as tabernas,
ou os heróis de mil fecundações.

E adoro o mar:
adoro o mar no riso e na loucura,
quando ele é berço e quando é sepultura,
quando ele enfuna as velas do porvir,
ou quando fica em paz a baloiçar.
Adoro o mar,
e todo eu
e todo o coração humano que sou eu,
vibra com o prazer brutal de ver naufrágios,

sofre com a ilusão fugaz da calmaria,
gosta de ver ossadas pelas praias
e bocas a moer rezas e pragas,
corações a sangrar.
E adoro o mar
quando olho para ele encapelado
e a boca já gretada pelo vento
atira ao firmamento
as palavras de dor e ansiedade
as canções de prazer e liberdade
que tenho em mim.
Adoro o mar,
por não haver jamais forças que o domem
por saber rir nos dias de marasmo,
por ser capaz de adormecer no pasmo,
porque ele não é o mar, ele é um homem
E adoro o mar,
mas adoro, eu sei, numa oração suprema,
por ver que eternamente a liberdade
há-de brotar da força e do sarcasmo
dum dia de calema.

TOMÁS JORGE

Búzio

Hoje não trago nada que dizer.
Sossega o teu rosto no meu peito
Repousa em mim a tua tristeza.
Ouve os segredos que te não digo
E a canção de forte esperança
Que germina e rompe devagarinho
Por todos os caminhos da vida,

Na pureza desta tarde,
Ao lusco fusco,
Abre comigo os olhos para os belos horizontes

Cada poente mistifica sempre
Uma nova madrugada.

Repousa em mim a tua tristeza.
Abre comigo os olhos para a vida.

Hoje a minha voz é de búzio
Fala baixo e em segredo
Numa canção que enche o mar, o mundo,
E germina e rompe devagarinho
Por sobre os escombros de luz
Deste poente que cai sobre o mar
Numa angústia de eternidade.

JOSÉ GRAÇA

Canção para Luanda*

ARNALDO SANTOS

Dois Poemas

Um caminho roto
Sinuoso
Com margens de cubatas.

Pelo seu chão caminhavam
Seus caminhantes
Cansados
Mansamente
Escondendo-se no crepúsculo de uma esquina.

Escondiam-se do mundo
E de si próprios.

Quando a noite desce
E o sol se põe
Levanta-se um murmúrio na sanzala...

Crescem vozes
Nascem risos
E por detrás da mancha escura da distância
Evola-se um perfume de segredos
Traçados no escondido da noite.

Fugas de luz em peitos rudes
Que o sol irá matar!

---

* Ver página 208. Na Antologia de 1962, este autor aparece com o pseudónimo de Luandino Vieira

MANUEL LIMA

Quissange na Noite

Hoje não quero nada mais
que esta noite de tréguas
para toda a minha África
noite de fantasia,
noite de futuro.

Estão os meninos adormecidos
não há «cazumbis» nos caminhos,
estão as fomes interrompidas.

Ouve o quissange!

Noite madura e larga
como o horizonte,
mochos calados,
rios de eternidade,
aromas sublimados,
oração do silêncio.

Ouve o quissange!

Germinam as sementes
no pensamento das gentes,
não há maldições no vento,
não sussurram os mistérios,
não há rusgas nos quimbos;
descem as bênçãos
até aos mortos de apelidos perdidos.

Ouve o quissange!

A Paz e o Amor
caminham de mãos dadas na noite;
no mundo tudo está certo:
o verme e a pedra,
a erva e a estrela,
tudo está em ordem.

Ouve o quissange!
Ouve… ouve…

ERNESTO LARA

Poema da Manhã

Os nossos filhos
Negra
hão-de trazer as ambições estampadas
nos olhos claros.

Os nossos filhos
Negra
Hão-de trazer a vida à flor da pele escura.

Os nossos filhos
Negra
hão-de gargalhar o seu desprezo pelas universidades da Europa
e hão-de rir-se dos que ficarem atrás nas classificações.

Nossos filhos
Negra
hão-de ser belos
hão-de trazer nas veias o sangue mais puro e mais vermelho
das raças de Angola
e os seus peitos
hão-de chegar primeiro nas competições desportivas
da América, da Europa e do Mundo.

Os nossos filhos
Negra
serão os construtores, os engenheiros, os médicos, os cientistas
do mundo que vem.

Eles pisarão quem se lhes atravessar na frente
eles hão-de fazer soar os *boogie-woogies* de Armstrong e Peters
nas boîtes de Paris, Londres, Moscovo, Nova Iorque
e não terão lugares secundários nas bichas de carros de Jo'burgo.

E principalmente
Negra
Os nossos filhos
chegarão sempre primeiro
nas competições espirituais e desportivas
da Europa
da América
e do Mundo.

E principalmente
Negra
eles serão
os nossos filhos.

JOÃO ABEL

Alegoria ao Sol*

* Ver página 229

COSTA ANDRADE

Regresso

Andam no ar
Poemas negros
De cor amarga
Misturados à voz rouca
Dos camiões.
Desertas
Frias
Despidas
As cubatas esperam:
Mulheres e homens.
...Vozes...Vozes...VOZES...
Mulheres com homens,
Nas cubatas,
Vozes
Riem
Escutam
Choram
Histórias iguais a muitas.

Nalgumas
O pranto
Inda é maior.

ANTÓNIO CARDOSO

É Inútil Chorar

É inútil mesmo chorar
«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar»
por todos os que tombam pela verdade
ou que julgam tombar.
O importante neles é já sentir a vontade
de lutar por ela.
Por isso é inútil chorar.

Ao menos se as lágrimas
dessem pão,
já não haveria fome.
Ao menos se o desespero vazio
das nossas vidas
desse campos de trigo...

Mas o que importa é não chorar.
«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar»
Mesmo quando já não se sinta calor
é bom pensar que há fogueiras
e que a dor também ilumina.

Que cada um de nós
lance a lenha que tiver,
mas que não chore
embora tenha frio.
«Se choramos aceitamos, é preciso não aceitar»

POETAS ANGOLANOS

Prefácio de
ALFREDO MARGARIDO

com um estudo de
Mário António

Antologia da
CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA
1962

Poesias

TOMÁS VIEIRA DA CRUZ

Colono

A terra que lhe cobriu o rosto
e lhe beijou o último sorriso,
foi ele o primeiro homem que a pisou!

Ele venceu a terra que o venceu.
Ele construiu a casa onde viveu…
Ele desbravou a terra heroicamente,
Sem um temor, sem uma hesitação,
– terra fecunda que lhe deu o pão
e lhe floriu a mesa de tacula…
Mas quando olhava a imagem pequenina
– Senhora da Boa Viagem –,
O Homem forte chorava…

Foi arquitecto e foi também pintor,
porque pintou de verde a sua esperança…

Esculpiu na própria alma um sonho enorme,
por isso foi também grande escultor!

Foi genial artista e mal sabia ler!
O que aprendeu foi Deus que o ensinou,
lá na floresta virgem, imensa catedral,
onde tanta vez ajoelhou!

Viveu a vida inteira olhando o céu,
a contar as noites
da lua nova à lua cheia.
E o sol do meio-dia lhe queimou a pele,
o corpo todo e até a alma pura.

Foi médico na doença que o matou,
ao homem ignorado e primitivo
que derrubou bravios matagais
e junto deles caiu
como caem árvores sacrificadas
à abundância dos frutos que criaram...

E a primeira mulher que amou e quis
foi sua inteiramente...
E era negra e bela, tal o seu destino!
E ela o acompanhou
como a mais funda raiz
acompanha a flor de altura
que perfuma as mãos cruéis
de quem a arrancou.
....

Foi o primeiro em tudo,
na dor e no Amor,
na honra e na Saudade,
porque nunca mais voltou...

E nas terras de toda a gente
e de ninguém...
– estranha criatura! –

... foi sua também
a primeira sepultura!

Ngola – Flor de Bronze

Filha de branco que morreu na guerra
e duma preta linda do Libôlo,
o teu olhar até de noite encerra
todo o lugar das lendas de Catôlo!

Ó flor estranha! já não tem consolo
a tua mágoa, a tua dor na terra!
Ó flor estranha do febril Capôlo
neta dum soba que perdeu a guerra!

Estátua ardente em bronzeadas chamas
que tentação e perdição derramas
por sobre a história negra, quase finda!

Neta dum soba que acabou chorando
filha de branco que morreu lutando
e duma preta tristemente linda!

Mulata

Os teus defeitos são graças
que mais me prendem, querida...
Mistério de duas raças
que se encontraram na vida.

E, no mato, em nostalgia,
num exílio carinhoso
fizeram essa alegria
do teu olhar misterioso.

E deram forma de sonho,
em seu viver magoado
a esse estilo risonho
do teu corpo bronzeado...

Que é bem a grácil maneira
em que a volúpia se anima,
– bailado duma fogueira
queimando quem se aproxima!

....

A tua boca dolente,
cicatriz de algum desgosto
é um vermelho poente
no lindo sol do teu rosto.

E os beijos que pronuncias
são palavras dolorosas...
Teus beijos são tiranias,
são como espinhos de rosas...

Que me embriagam, amantes,
no éter do seu perfume...

Teus beijos são navegantes
sobre as ondas do ciúme.
...

Os teus defeitos são graças
desse mistério profundo...
Saudades de duas raças
que se abraçaram no mundo!

Muamba

A minha Lira mulata
tem acordes tão amantes,
que eu julgo serem de prata
as suas cordas vibrantes.

Porque fiz d 'Ela mulher,
tem lábios cor de pitanga,
da pitanga de comer,
com adornos de missanga.

E os seus braços tão nervosos
são dois ramos de palmeira,
que me abraçam, duvidosos,
e me prendem de maneira,

que eu não sei qual é melhor,
se os seus beijos de muamba,
se o jindungo deste amor...
– Amor mulato... pitanga!

Rebita

Mulata da minha alma,
batuque dos meus sentidos,
meus nervos encandecidos
vibram por ti, sem ter calma.

Por isso vou à rebita,
quase triste e indeciso,
a queimar minha desdita
nas chamas do teu sorriso.

E, triste, assim, vou dançar,
vou dançar e vou beber
o vinho do teu olhar,
que me faz entontecer.

Ouvindo, longe, tocar
o quissange do gentio,
que vive, além, no palmar,
onde corre o verde rio!

E depois adormecer
na tua esteira de prata,
onde quero, enfim, morrer,
ó minha linda mulata.

....

Mulata da minha alma,
batuque dos meus sentidos...

Por isso vou à rebita,
quase triste e indeciso,
a queimar minha desdita
nas chamas do teu sorriso...

Romance de Luanda

Coqueiros esguios – leques ao vento
abanando a Ilha.

Um dongo flutua
na baía.

E ela, a negra maravilha
condecorada com reflexos de prata
com que o céu a está beijando,
com que o céu a está vestindo,
– adormeceu sonhando
placidamente sorrindo.

Nas águas verdes da baía calma,
caem pétalas vermelhas
de uma linda flor de ónix!

E o timoneiro, um preto atleta, jovem pescador
e um brutal Cupido,
– é o Deus do Amor
em bronze reproduzido!

Nas águas verdes da baía calma,
caem pétalas de sangue,
duma flor já desfolhada...

Um dongo flutua
na baía.

Vai rompendo a madrugada!

Buzi

Tu eras bela e virgem
e eras tão pura
como se fosses a mais linda estrela
do céu quando a noite é mais escura.

Tu eras a namorada
daquele que por ti chora,
longe, muito longe,
e ainda te namora
quando, à noite, olhando o céu
te procura e reconhece.

– E fica sempre a olhar-te
até que a noite amanhece.

É por ele que tu vives,
é por ele que tu morres,
é por ele que tu sofres
– Buzi...

Pobre Buzi, levaram-te no branco...

Foi um presente macabro,
foi um presente sem futuro...

E agora, nessa Avenida,
espreitando a mentira da cidade,
está chorando seu amor ausente
a triste e pobre Buzi desterrada,
e tão doente,
sempre a pedir que lhe dêem cura,
ou a morte;
– porque a morte é a distância
que um grande amor aproxima.

Buzi, ó flor do Songo,
para males da muxima
kimbanda não tem milongo!

Bailundos

Por esses longos caminhos
os desertos povoando
passam negras comitivas
de bailundos...

Descalços como Jesus,
E os seus corpos mal cobertos
são negras sombras na sombra
que se eleva escuramente,
sem um carinho de luz.

A noite é um borrão de tinta preta!

Mas a triste comitiva
pisando bem o caminho,
– estreito por ser tão longo
como a vida dessas gentes,
vai seguindo o seu destino
cantarolando nocturnos
de baladas inocentes.

E quando o sol acordar
em seu berço oriental,
as comitivas andando
por carpetes de capim,
que eu não sei onde vão dar,
que eu não sei se têm fim,
vencendo altivamente, a luta forte
desta vida de ilusão,
procuram, inutilmente,
mais longe, sempre mais longe,
a Terra da Promissão.

... Ó mensageiros tristes da saudade
que trago dentro de mim:
Esse caminho é eterno
E a minha dor não tem fim!

Haveis de caminhar, sempre caminhar,
que nunca terá fim o vosso inferno!

– Não existe humanidade,
e o mundo foi sempre assim!

GERALDO BESSA VICTOR

Kalundu

Ouves o vento a gemer,
no meio do mato, à noite,
sentes o vento a correr
cada vez mais agitado? Zuu… zuu… zuu…
O vento tem kalundu…

Ouves a leoa rugindo,
com ciúmes do leão,
com apetites de fera,
ouves a leoa bramindo?
Uuu… uuu… uuu…
A leoa tem kalundu…

Não vês o Mar trovejando,
ameaçador, furibundo,
como se nele existissem,
enraivadas,
todas almas do outro mundo?…
Não vês o Mar rebramando?
Uuuu… uuuu… uuuu…

O Mar tem kalundu…

Não vês o fogo incendiando
as libatas, as sanzalas,
as lavras, tudo arrasando?
Não vês o fogo, o demónio,
que é o próprio belzebu
em forma de labareda?
O fogo tem kalundu…

Não vês o sol, ao meio-dia,
quando é mais forte o Verão,
quando o calor é mais forte,
o sol escaldando o chão,
dando febre a todas coisas,
– o sol que é fogo do inferno
além da vida e da morte?
O sol tem kalundu…
como tu!

… Mas tu és mais do que o vento,
mais que a leoa, que o Mar,
mais do que o sol e que o fogo,
quando está a batucar…

Não há sol que queime tanto,
fogo que incendeie tanto,
como o teu olhar me queima,
me incendeia, o teu olhar,
que até me deixa em quebranto…

Não há vaga, não há Mar
que ondeie tanto e requebre
como o teu corpo selvagem,
que é mais ligeiro que a lebre
e se torce mais que a cobra,
em fantástica manobra,
e mexe-se mais que o vento,
– teu corpo, forma de vento,
que baila e que faz bailar…

E as garras com que me prendes,
e em que me deixo prender,
não as possui a leoa;
porque o teu jugo não mata,
nem magoa,
mas dá vida e dá prazer!

Quando tu danças cantando,
cantando e dançando assim,
batucando, batucando,
e a noite se faz mais negra
e o batuque não tem fim,
o teu corpo quase voando,
belo, sensual, ardente,
o teu corpo seminu…
… parece que a vida és tu!
E tu, e eu, toda a gente
à roda do teu batuque,
e tudo quanto nos cerca,
– tudo tem kalundu…

Amor Negro

A luz do teu olhar é luar que brilha
na noite milagrosa e dolorosa
dos nossos corpos. Tua boca é bilha
matando a sede à minha boca ansiosa.

A tua voz é nota deliciosa
dum quissange que, perto, alguém dedilha,
nesta noite de luar, subtil, formosa…
O Mundo é todo um Mar – tu és a Ilha!

Ninguém, ninguém te canta como eu,
que para nós é o mesmo o Inferno, o Céu,
e nossos corpos são da mesma cor,

e nossas almas, gémeas na desgraça,
dizem alto o que vale a nossa raça
quanto mais alto vibra o nosso amor!

Batuque

Marimbas, ngomas, zabumbas,
guizos, quissanges, chingufos…
Batuque doido – loucura
regada pelos marufos…

Bailados sensuais, ardentes;
perturbante orquestração;
canções sentidas, dolentes,
que brotam do coração.

E essa marimba, que toca
com mais força, bem mais forte,
é mesmo a alma da raça
espantando a própria morte!

E aquele negro, que canta
com mais calor e paixão,
é mesmo a voz do prazer
disfarçando a escravidão!

E aquela negra, que dança
mais esbelta e mais torcida,
é mesmo a imagem do Sonho
fazendo bailar a Vida!

O batuque me atordoa.
E eu me encanto e me confundo
nesta loucura que voa
e soa longe do mundo…

E sinto dentro da alma
este batuque sem fim!
Eu sinto bem o batuque
a gritar dentro de mim!

MAURÍCIO ALMEIDA GOMES

Se a Minha Terra é de Cor...

A minha terra tem cor...

Eu não conheço outra terra
onde haja tanta beleza
nas síncopes coloridas
dum fim de tarde...

lnda está p'ra ser fadado
um tão nevado luar
que derrame tanto leite
em noites de Lua cheia...

No meu corpo bronzeado,
na minha terra tão linda,
há orgias embriagantes
de cor.

– Se a minha terra é de cor!...

Na chaga sangrenta
da rubra queimada
sem fim
queimando dentro de mim,
e no pesado negrume
de certas noites sem lua,
e com o lume apagado
no rutilante luzeiro
onde foi crucificada
a minha Raça,

– A minha terra tem cor!...

Nos frutos tão bons,
nas águas imensas,
nos campos lavrados,
nos céus anilados,
nos corpos tão negros
de pretos,
de pretas,
nas estrelinhas trementes,
– lágrimas de Deus
derramadas
pelos negros inocentes –
há doces tonalidades
mistérios,
suavidades,
cambiantes fascinantes
de cor.

– Se a minha terra é de cor!...

Estrela Pequenina

Tocadores, vinde tocar
Marimbas, ngomas, quissanges
Vinde chamar a nossa gente
P'ra beira do grande Mar!

Sentai-vos, irmãos, escutai:
Precisamos entender
As falas da Natureza,
Dizendo da nossa dor,
Chorando nossa tristeza.

Ora escutai, meus irmãos:
Aquele Sol no poente,
Vermelho como uma brasa,
Não é Sol somente. Não!

É coágulo de sangue
Vertido por angolanos
Que fizeram o Brasil!

Ouvi o mar como chora,
Ouvi o mar como reza…

Olhai a noite que chega,
Veludo negro tecido
De mil pedaços de pele
Arrancados a chicote
Ai! cortados a chicote
Do dorso da nossa gente
No tempo da escravatura…

Noite é luto
De que Deus cobre o mundo
Com dó de nós…

Disco de prata luzente
Sobe ligeiro no espaço.
Sabei que a Lua fulgente
Contém lágrimas geladas
Por pobres negros choradas…

Pergunta-me a multidão,
Sentada à beira do Mar:

– Agora dizei, irmão,
Daquela pálida estrela
Tão pequenina e humilde
Que brilha no nosso céu
Qual é o significado?

Talvez seja finalmente
Deus a olhar para a nossa gente…

AIRES DE ALMEIDA SANTOS

Lenda

No meu quintal
Nasceu
E cresceu
Um coqueiro.

É um coqueiro esgalgado
Vive debruçado
Murmurando,
Segredando
Ao sape-sape,
À palmeira
E à mangueira
Aquilo que ouve do vento.

E o vento
Conta-lhe tudo
Que viu na Praia Morena…

Conta-lhe que hoje, de manhã,
Viu bolinar no Sombreiro
Um caíque da baía…
Conta que viu outro dia
Muitos pares de namorados
Abraçados,
A passear pela areia…
Conta que há duas semanas
Ouviu a voz da Sereia
A cantar
P'ra encantar
Um marinheiro…

E o coqueiro,
Soalheiro,
Tudo repete à mangueira
E à palmeira
E à pitangueira,

Às vezes,
– Quantas vezes… –
O vento arrasta consigo
Histórias longas do perigo
Que os homens vencem no Mar.

Mas o coqueiro
Não gosta de ouvir contar
Casos de mágoa e de dor;
Só gosta e só quer ouvir,
Para poder repetir
Coisas que falem de amor.

E fico tempo sem conta
Escutando,
Gozando,
O soalheiro
Do coqueiro
Com o sape-sape
E a palmeira
E a pitangueira…

A Mulemba Secou
A mulemba secou.

No barro da rua,
Pisadas
Por toda a gente,

Ficaram as folhas
Secas, amareladas
A estalar sob os pés de quem passava.

Depois o vento as levou…

Como as folhas da mulemba
Foram-se os sonhos gaiatos
Dos miúdos do meu bairro.

(De dia,
Espalhavam visgo nos ramos
E apanhavam catituís,
Viúvas, siripipis
Que o Chiquito da Mulemba
Ia vender no Palácio
Numa gaiola de bimba.

De noite,
Faziam roda, sentados,
A ouvir,
De olhos esbugalhados
A velha Jaja a contar
Histórias de arrepiar
Do feiticeiro Catimba.)

Mas a mulemba secou
E com ela,
Secou também a alegria
Da miudagem do bairro:

O Macuto da Ximinha
Que cantava todo o dia
Já não canta.
O Zé Camilo, coitado,
Passa o dia deitado
A pensar em muitas coisas.

E o velhote Camalundo,
Quando passa por ali,
Já ninguém o arrelia,
Já mais ninguém lhe assobia,
Já faz a vida em sossego.

Como o meu bairro mudou,
Como o meu bairro está triste
Porque a mulemba secou...

Só o velho Camalundo
Sorri ao passar por lá!...

Quem tem o Canhé

I

Tenho saudades do tempo
Em que corria descalço
Pelas areias do rio;
Comigo, os meus companheiros
Também descalços, correndo,
A correr ao desafio.

Tenho saudades do largo
Onde estava a minha casa,
Com mulembas altaneiras;
Tenho saudades das sombras
Com que os seus ramos cobriam,
Sempre as nossas brincadeiras.

(– Quem tem o canhé?
És tu.
Pescoço de ganso, monco do peru...

Quem tem o canhé?
Sou eu.
Diabo, diabo, não vais p'ra o Céu...)

Tenho saudades, meu Deus,
Tantas, tantas que nem sei
Como me cabem aqui;
Tenho saudades de tudo,
Tenho saudades, até,
Das saudades que senti.

II

No quintal da minha casa
Vestido de prata nas noites de luar,
As sombras das mangueiras
Eram rendas
Espalhadas
Pelo chão.

E as horas do serão
Corriam apressadas.

As moças a namorar,
As crianças a brincar
Rindo,
Cantando,
Chorando
Dum trambulhão;
As velhas, quase em surdina,
Contavam histórias do mato,
Do tempo da escravatura:
– Um branco, um coelho e um gato,
Outros bichos à mistura,
Bichos sabidos que falavam...

Depois, quando a Lua descia
P'ra se esconder no Sombreiro,
Todos, todos se juntavam
Em redor da minha Avó.
Havia quifufutila,
Havia pé de moleque…

… E a lua desaparecia
No Cassequel…

III

Onde está o meu quintal
Vestido de prata nas noites de luar,
Com rendas de sombras espalhadas pelo chão.

Onde estão esses meninos
Que riam, chorando
Dalgum trambulhão?

A Vida os levou p'ra longe de mim.

Agora, de tudo isso,
Só me ficou o feitiço
Desta saudade sem fim.
E quando a lua se esconde
No Sombreiro
Fico sozinho na praia
À laia
Não sei de quê,
Olhando o mar,
Carpindo saudades,
A olhar,
A olhar…

Meu Amor da Rua Onze[3]

Tantas juras nós trocámos,
Tantas promessas fizemos,
Tantos beijos nos roubámos
Tantos abraços nós demos.

Meu amor da Rua Onze,
Meu amor da Rua Onze,
Já não quero
Mais mentir.

Meu amor da Rua Onze,
Meu amor da Rua Onze,
Já não quero
Mais fingir.

Era tão grande e tão belo
Nosso romance de amor
Que ainda sinto o calor
Das juras que nós trocámos.

Era tão bela, tão doce
Nossa maneira de amar
Que ainda pairam no ar
As promessas que fizemos.

Nossa maneira de amar
Era tão doida, tão louca
Qu'inda me queimam a boca
Os beijos que nos roubámos.

[3] Rua Onze – rua de Benguela, na época frequentada por prostitutas

Tanta loucura e doidice
Tinha o nosso amor desfeito
Que ainda sinto no peito
Os abraços que nós demos.

E agora
Tudo acabou.
Terminou
Nosso romance.

Quando te vejo passar
Com o teu andar
Senhoril,
Sinto nascer
E crescer
Uma saudade infinita
Do teu corpo gentil
De escultura
Cor de bronze,
Meu amor da Rua Onze.

Queixa

Toda a noite te esperei.

Quando cheguei
Não estava ainda luar.
E fiquei
A esperar
Que viesses
Como tinhas prometido.

Toda a noite te esperei
E afinal não apareceste.

Fiquei esperando,
Esperando,
E as horas foram caindo,
Uma a uma,
Como gotas de cacimbo.

Entretanto,
Surgiu de trás da Igreja
O disco, em prata,
Da Lua.

Debaixo da cajajeira,
Junto à valeta da rua
E sob a luz que me encanta
Vi nascer a madrugada
Da cor da Semana Santa,
Vi como a noite fugia
E como raiava o dia.

Toda a noite te esperei
E afinal não apareceste…

Esperei
E desesperei.
Desesperei
E chorei…

Colar de missangas

Naquela rua da praça…

Foi ali que a encontrei
E conheci.

E gostei
De a ver passar
Com a quinda na cabeça…
Não notei a cor dos panos,
Não notei o que levava
Para vender.
Só reparei
E gostei
Do seu colar de missangas.

Soube depois
Que era recordação
Dum homem com quem vivera…
……………………………

Um dia
– Quantos já passados –
Estava ela na baía
Quando o Guerreiro,
Fogueiro
Ou marinheiro
de cabotagem,
Apareceu por ali.

Encontrou-a
Convidou-a,
Ela foi
E ofereceu-lhe o colar.

Depois seguiu a viagem
E a vida seguiu também.

Meses passados
Nasceu-lhe o filho.
Gostou,
Ficou contente.
Depois
Morreu-lhe o filho.
Chorou,
Enlouqueceu de repente.
……………………

E agora
Todas as manhãs
Quem quiser a vê passar
A caminho da Quitanda
Com a quinda na cabeça.

E conta os dias
Passados à espera do filho,
Pelas missangas
Rubras, da cor das pitangas,
Que vai pondo,
Dia a dia,
No fio do seu colar.

Ontem
Quando a vi passar
O colar
Tinha dez voltas…

VIRIATO DA CRUZ

Makèzú

– «Kuakié!... Makèzú, Makèzú...»[4]

O pregão da avó Ximinha
É mesmo como os seus panos,
Já não tem a cor berrante
Que tinha nos outros anos.

Avó Xima está velhinha
Mas de manhã, manhãzinha,
Pede licença ao reumático
E num passo nada prático
Rasga estradinhas na areia...

Lá vai para um cajueiro
Que se levanta altaneiro
No cruzeiro dos caminhos
Das gentes que vão p'ra Baixa.

Nem criados, nem pedreiros
Nem alegres lavadeiras
Dessa nova geração
Das «venidas de alcatrão»
Ouvem o fraco pregão
Da velhinha quitandeira.

– «Kuakié! Makèzú, Makèzú...»
– «Antão, véia, hoje nada?»
– «Nada, mano Filisberto...
 Hoje os tempo tá mudado...»

[4] O dia nasceu... Cola, cola...

– «Mas tá passá gente perto...
Como é aqui tás fazendo isso?»

– «Não sabe?! Todo esse povo
Pegô um costume novo
Qui diz qué civrização:
Come só pão com chouriço
Ou toma café com pão...

E diz ainda pru cima
(Hum... mbundo kêne muxima...)[5]
Qui o nosso bom makèzú
É pra veios como tu».

– «Eles não sabe o que diz...
Pru qué qui vivi filiz

E tem cem ano eu e tu?»
– «É pruquê nossas raiz
Tem força do makèzú...»

Sô Santo

Lá vai o sô Santo...
Bengala na mão
Grande corrente de ouro, que sai da lapela
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando o sô Santo passa
Gente e mais gente vem à janela:
– «Bom dia, padrinho...»
– «Olá...»
– «Beçá cumpadre...»

[5] Hum... preto não tem coração

– «Como está?…»
– «Bom-om di-ia sô Saaanto!…»
– «Olá, Povo!…»

Mas porque é saudado em coro?
Porque tem muitos afilhados?
Porque tem corrente de ouro
A enfeitar sua pobreza?…
Não me responde, avó Naxa?

– «Sô Santo teve riqueza…
Dono de musseques e mais musseques…
Padrinho de moleques e mais moleques…
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

«Muari-ngana Santo
dim-dom
ual'o banda ó calaçala
dim-dom
chaluto mu muzumbo
dim-dom»[6]

Sô Santo…
Banquetes p'ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque pró povo cá fora
Champanha, ngaieta tocando lá dentro…
Garganta cansando:
«Coma e arrebenta
e o que sobra vai no mar…»

[6] «O senhor Santos/dim-dom/está a fazer estilo na calçada/dim-dom/com o charuto na boca/dim-dom»

«Hum-hum
Mas deixa…
Quando o sô Santo morrer
Vamos chamar um kimbanda
Para 'Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já própria da Raça…»

Lá vai…
descendo a calçada
A mesma calçada que outrora subia
Cigarro apagado
Bengala na mão…

… Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu…

Namoro

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas acácias floridas
espalhando diamantes na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas.
Sua pele macia – era sumaúma…
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce – como o maboque…

Seus seios, laranjas - laranjas do Loge
seus dentes… – marfim…

Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
«Por ti sofre o meu coração»
Num canto – SIM, noutro canto – NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela Senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
afaguei-lhe as mãos...
falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço,
como um monangamba.
Procuraram por mim
«– Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?»
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile do sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário
Tocaram uma rumba – dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: «Aí, Benjamim!»
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim
pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.

SERÃO DE MENINO

Na noite morna, escura de breu,
enquanto na vasta sanzala do céu,
de volta de estrelas, quais fogaréus,
os anjos escutam parábolas de santos...

na noite de breu,
ao quente da voz
de suas avós, meninos se encantam
de contos bantus...

«Era uma vez uma corça
dona de cabra sem macho...
....

... Matreiro, o cágado lento
tuc... tuc... foi entrando
para o conselho animal...
(«– Tão tarde que ele chegou!»)
Abriu a boca e falou –

deu a sentença final:
«– Não tenham medo da força!
Se o leão o alheio retém
– luta ao Mal! Vitória ao Bem!
tire-se ao leão, dê-se à corça.»

Mas quando lá fora
o vento irado nas frestas chora
e ramos xuaxalha de altas mulembas
e portas bambas batem em massembas
os meninos se apertam de olhos abertos:
    – Eué
        - É casumbi…

E a gente grande –
bem perto dali
feijão descascando para a quitanda –
a gente grande com gosto ri…

Com gosto ri, porque ela diz
que o casumbi males só faz
a quem não tem amor, aos mais
seres buscam, em negra noite,
essa outra voz de casumbi
essa outra voz – Felicidade…

Mamã Negra
(Canto de esperança)

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz
    Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos seringais
        [dos algodoais…
    Vozes das plantações da Virgínia
    dos campos das Carolinas
    Alabama
        Cuba
            Brasil

    Vozes dos engenhos dos banguês das tongas dos eitos das pampas
        [das usinas
    Vozes do Harlem District South
    vozes das sanzalas
    Vozes gemendo blues, subindo do Mississípi, ecoando dos vagões.
    Vozes chorando na voz de Corrothers[7]:
    Lord God, what evil have we done
    Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
    Voz de todas as vozes, na voz altiva de Langston[8]
    na bela voz de Guillén…[9]

Pelo teu dorso

    Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
    Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor
        [amaciando as mais ricas terras do mundo
    Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos…)

---

[7] Corrothers, James D. (1869-1917), extraído do poema «At the Closed Gate of Justice».
[8] James Langston Hughes (1902-1967), poeta, novelista e dramaturgo norte-americano, uma das maiores influências do movimento cultural dos anos 1920, conhecido como Harlem Renaissance.
[9] Nicolás Guillén (1902-1989), poeta e activista político cubano.

Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da forca
[caídos por Lynch[10].
Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
Ressuscitados com Zumbi, em Toussaint[11] alevantados.
Rebrilhantes dorsos…
brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
… do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo…

Pelo teu regaço, minha Mãe

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça…
santos poetas e sábios…
Outras gentes… não teus filhos,
que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo – folguedo

Pelos teus olhos, minha Mãe

Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens

[10] Lynch – refere-se aos linchamentos e enforcamentos de negros no sul dos EUA.
[11] Toussaint Louverture (1743-1803), 1.º líder negro a vencer o poder colonial francês no seu país, Haiti.

dramas de Cam e Jafé[12]…
Mas vejo também (oh, se vejo…)
mas vejo também que a luz roubada aos teus olhos ora esplende
demoniacamente tentadora – como a Certeza…
cintilantemente firme – como a Esperança…
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
– o dia da humanidade
O Dia da Humanidade…

[12] Filhos de Noé (Antigo Testamento).

ANTÓNIO JACINTO

Carta de um Contratado

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta que dissesse
deste anseio
de te ver
deste receio
de te perder
deste mais que bem querer que sinto
deste mal indefinido que me persegue
desta saudade a que vivo todo entregue...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta de confidências íntimas,
uma carta de lembranças de ti,
de ti
dos teus lábios vermelhos como tacula
dos teus cabelos negros como dilôa
dos teus olhos doces como macongue
dos teus seios duros como maboque
do teu andar de onça
e dos teus carinhos
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
que recordasse nossos dias na capôpa
nossas noites perdidos no capim
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos

o luar que se coava das palmeiras sem fim
que recordasse a loucura
da nossa paixão
e a amargura
da nossa separação...
Eu queria escrever-te uma carta
amor,
que a não lesses sem suspirar
que a escondesses de papai Bombo
que a sonegasses a mamãe Kiesa
que a relesses sem a frieza
do esquecimento

uma carta que em todo o Kilombo
outra a ela não tivesse merecimento...

Eu queria escrever-te uma carta
amor,
uma carta que ta levasse o vento que passa
uma carta que os cajus e cafeeiros
que as hienas e palancas
que os jacarés e bagres
pudessem entender
para que se o vento a perdesse no caminho
os bichos e plantas
compadecidos de nosso pungente sofrer
de canto em canto
de lamento em lamento
de farfalhar em farfalhar
te levassem puras e quentes
as palavras ardentes
as palavras magoadas da minha carta
que eu queria escrever-te amor...

Eu queria escrever-te uma carta…

Mas ah meu amor, eu não sei compreender
por que é, por que é, por que é, meu bem
que tu não sabes ler
e eu – Oh! Desespero – não sei escrever também!

Castigo pró Comboio Malandro

Esse comboio malandro
passa
passa sempre com a força dele
    ué ué ué
    hii hii hii
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

        o comboio malandro
        passa

Nas janelas muita gente:
    ai bô viaje
    adeujo homéé
n' ganas bonitas
quitandeiras de lenço encarnado
levam cana no Luanda pra vender

hii hii hii

    aquele vagon de grades tem bois
        müu múu múu

tem outro
igual como este dos bois

leva gente,
    muita gente como eu
cheio de poeira
gente triste como os bois
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje
mas o preto não morre
canta como é criança:

    «Mulonde iá Késsua uádibalé
    uádibalé uádibalé…»[13]
Esse comboio malandro
sozinho na estrada de ferro
passa
    passa
sem respeito
    ué ué ué
com muito fumo na trás
    hii hii hii
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

Comboio malandro
o fogo que sai no corpo dele
vai no capim e queima
vai nas casas dos pretos e queima
    Esse comboio malandro
    Já queimou o meu milho.

Se na lavra do milho tem pacaças
eu faço armadilhas no chão,
se na lavra tem kiombos

[13] «A ponte do Késsua caiu/caiu caiu…».

eu tiro a espingarda de kimbundo[14]
e mato neles
mas se vai lá fogo do comboio malandro
– deixa!–
ué ué ué
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem
só fica fumo,
muito fumo mesmo.

Mas espera só
Quando esse comboio malandro descarrilar
e os brancos chamar os pretos pra empurrar
eu vou
mas não empurro
– nem com chicote –
finjo só que faço força
aka!

Comboio malandro
você vai ver só o castigo
vai dormir mesmo no meio do caminho.

Monangamba

Naquela roça grande não tem chuva
é o suor do meu rosto que rega as plantações;

Naquela roça grande tem café maduro
e aquele vermelho-cereja
são gotas do meu sangue feitas seiva.

O café vai se torrado,
pisado, torturado,
vai ficar negro, negro da cor do contratado.

Negro da cor do contratado!

Perguntem às aves que cantam,
aos regatos de alegre serpentear
e ao vento forte do sertão:
Quem se levanta cedo? quem vai à tonga?

Quem traz pela estrada longa
a tipóia ou o cacho de dendém?
Quem capina e em paga recebe desdém
fuba podre, peixe podre,
panos ruins, cinquenta angolares
«porrada se refilares»?

Quem?

Quem faz o milho crescer
e os laranjais florescer
– Quem?

Quem dá dinheiro para o patrão comprar
máquinas, carros, senhoras
e cabeças de pretos para os motores?[15]

Quem faz o branco prosperar,
ter barriga grande – ter dinheiro?
– Quem?

E as aves que cantam,
os regatos de alegre serpentear
e o vento forte do sertão
responderão:
– «Monangambééé... –»

---

[14] A espingarda de kimbundo – espingarda africana de pederneira, canhangulo.
[15] Em algumas regiões de Angola, dizia-se que o óleo dos motores dos automóveis era fabricado com "cabeças de preto" esmagadas.

Ah! Deixem-me ao menos subir às palmeiras
Deixem-me beber maruvo, maruvo,
e esquecer diluído nas minhas bebedeiras

— «Monangambéé...»

Era uma Vez

....
Vôvô Bartolomé, ao sol que se coava da mulembeira
por sobre a entrada da casa de chapa,
enlanguescido em carcomida cadeira
vivia
— relembrando-a —
a história da Teresa mulata

Teresa Mulata!
essa mulata Teresa
tirada lá do sobrado
por um preto d' Ambaca
bem vestido,
bem falante,
escrevendo que nem nos livros!

Teresa Mulata
— alumbramento de muito moço —
pegada por um pobre d' Ambaca
fez passar muitas conversas
andou na boca de donos e donas...

Quê da mulata Teresa?

A história da Teresa mulata...
Hum...
Vôvô Bartolomé enlanguescido em carcomida cadeira adormeceu
o sol se coando da mulembeira veio brincar com as moscas nos lábios
[ressequidos que sorriem

Chiu! Vôvô tá dormindo!
... O moço d' Ambaca sonhando...

Poema da Alienação

Não é este ainda o meu poema
o poema da minha alma e do meu sangue
não
Eu ainda não sei nem posso escrever o meu poema
o grande poema que sinto já circular em mim

O meu poema anda por aí vadio
no mato ou na cidade
na voz do vento
no marulhar do mar
no Gesto e no Ser

O meu poema anda por aí fora
envolto em panos garridos
vendendo-se
vendendo
«ma limonje ma limonjééé»[16]

---

[16] «Limões, limões» (pregão de quitandeira).

O meu poema corre nas ruas
com um quibalo podre à cabeça
oferecendo-se
oferecendo
«carapau sardinha matona
ji ferrera ji ferrereéé...»[17]

O meu poema calcorreia ruas
«olha a probíncia» «diááário»
e nenhum jornal traz ainda
o meu poema

O meu poema entra nos cafés
«amanhã anda à roda amanhã anda à roda»
e a roda do meu poema
gira que gira
volta que volta
nunca muda
«amanhã anda à roda
amanhã anda à roda»

O meu poema vem do musseque
ao sábado traz a roupa
à segunda leva a roupa
ao sábado entrega a roupa e entrega-se
à segunda entrega-se e leva a roupa

[17] «Carapau, sardinha matona.
Ferreira, ferreirinha...» (pregão de quitandeira).

O meu poema está na aflição
da filha da lavadeira
esquiva
no quarto fechada
do patrão nuinho a passear
a fazer apetite a querer violar

O meu poema é quitata
no musseque à porta caída duma cubata
«remexe remexe
paga dinheiro
vem dormir comigo»

O meu poema joga a bola despreocupado
no grupo onde todo o mundo é criado
e grita
«obeçaite golo golo»

O meu poema é contratado
anda nos cafezais a trabalhar
o contrato é um fardo
que custa a carregar
«monangambééé»

O meu poema anda descalço na rua

o meu poema carrega sacos no porto
enche porões
esvazia porões
e arranja força cantando
«tué tué tué trr
arrimbuim puim puim»

O meu poema vai nas cordas
encontrou cipaio
tinha imposto, o patrão
esqueceu assinar o cartão
vai na estrada

cabelo cortado
«cabeça rapada
galinha assada
ó Zé»

picareta que pesa
chicote que canta

O meu poema anda na praça trabalha na cozinha
vai à oficina
enche a taberna e a cadeia
é pobre roto e sujo
vive na noite da ignorância
o meu poema nada sabe de si
nem sabe pedir
O meu poema foi feito para se dar
para se entregar
sem nada exigir.

Mas o meu poema não é fatalista
o meu poema é um poema que já quer
e já sabe
O meu poema sou eu-branco
montado em mim-preto
a cavalgar pela vida.

O Grande Desafio

Naquele tempo
a gente punha despreocupadamente os livros no chão
ali mesmo naquele largo – areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde hoje passa a avenida luminosamente grande
e com uma bola de meia
bem forrada de rede
bem dura de borracha roubada às borracheiras do Neves
em alegre folguedo, entremeando caçambulas
...a gente fazia um desafio...

O Antoninho
filho desse senhor Moreira da taberna
era o capitão
e nos chamava de ó pá,
Agora virou doutor
(cajinjeiro como nos tempos antigos)
passa, passa que nem cumprimenta
– doutor não conhece preto da escola.

O Zeca era guarda-redes
(pópilas, era cada mergulho!
Aí rapage – gritava em delírio a garotada)
Hoje joga num clube da Baixa
Já foi a Moçambique e no Congo
Dizem que ele vai ir em Lisboa
Já não vem no Musseque
Esqueceu mesmo a tia Chiminha que lhe criou de pequenino
nunca mais voltou nos bailes de Don' Ana, nunca mais
Vai no Sportingue, no Restauração
outras vezes no Choupal
que tem quitatas brancas

Mas eu lembro o Zeca pequenino
o nosso saudoso guarda-redes!

Tinha também
tinha também o Vélhinho, o Mascote, o Kamauindo…
– Coitado do Kamauindo…
Anda lá na Casa da Reclusão
(desesperado deu com duas chapadas na cara
do senhor chefe
naquele dia em que lhe prendeu e disparatou a mãe;)
– O Vélhinho vive com a Ingrata
drama de todos os dias
A Ingrata vai nos brancos receber dinheiro
e traz pró Vélhinho beber;
E o Mascote? Que é feito do Mascote?

– Ouvi dizer que foi lá em S. Tomé como contratado

É verdade, e o Zé?
Que é feito, que é feito?
Aquele rapaz tinha cada finta!
Hum…deixa só!
Quando ele pegava com a bola ninguém lhe agarrava
vertiginosamente até na baliza.

E o Venâncio? O meio-homem pequenino
que roubava mangas e os lápis nas carteiras?
Fraquito da fome constante
quando apanhava um pinhão chorava logo!
Agora parece que anda lixado
lixado com doença no peito.

Nunca mais! Nunca mais!
Tempo da minha descuidada meninice, nunca mais!…

Era bom aquele tempo
era boa a vida a fugir da escola a trepar aos cajueiros
a roubar os doceiros e as quitandeiras
às caçambulas:
Atresa! Ninguém! Ninguém!
tinha sabor emocionante de aventura
as fugas aos polícias
às velhas dos quintais que pulávamos.

Vamos fazer escolha, vamos fazer escolha
… e a gente fazia um desafio…

Oh, como eu gostava!
Eu gostava qualquer dia
de voltar a fazer medição com o Zeca
o guarda-redes da Baixa que não conhece mais a gente
escolhia o Vélhinho, o Mascote, o Kamauindo, o Zé
o Venâncio e o António até
e íamos fazer um desafio como antigamente!

Ah, como eu gostava…
Mas tal vez um dia
quando as buganvílias alegremente florirem
quando as bimbas entoarem hinos de madrugada nos capinzais
quando a sombra das mulembeiras for mais boa
quando todos os que isoladamente padecemos
nos encontrarmos iguais como antigamente
talvez a gente ponha
as dores, as humilhações, os medos
desesperadamente no chão
no largo – areal batido de caminhos passados
os mesmos trilhos de escravidões
onde passa a avenida que ao sol ardente alcatroámos
e unidos nas ânsias, nas aventuras, nas esperanças
vamos então fazer um grande desafio…

AGOSTINHO NETO

Poesia Africana

Lá no horizonte
o fogo
e as silhuetas escuras dos imbondeiros
de braços erguidos
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas

Poesia africana

Na estrada
a fila de carregadores bailundos
gemendo sob o peso da crueira
No quarto
a mulatinha dos olhos meigos
retocando o rosto com rouge e pó-de-arroz
A mulher debaixo dos panos fartos remexe as ancas
Na cama
o homem insone pensando
em comprar garfos e facas para comer à mesa

No céu o reflexo
do fogo
e as silhuetas dos negros batucando
de braços erguidos
No ar a melodia quente das marimbas

Poesia africana

E na estrada os carregadores
no quarto a mulatinha
na cama o homem insone

Os braseiros consumindo
consumindo
a terra quente dos horizontes em fogo.

Fogo e Ritmo

Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura húmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.

Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.

Fogueiras
dança
tamtam
ritmo

Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no som
ritmo no movimento

ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas descarnadas
Mas ritmo
ritmo.

Ó vozes dolorosas de África!

Mussunda Amigo

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
    Para aqui estou eu.

Contigo.
Com a firme vitória da tua alegria
e da tua consciência.

    – o ió kalunga ua mu bangele!
        o ió kalunga ua mu bangele-le-lélé…[18]

Lembras-te?
Da tristeza daqueles tempos
em que íamos
comprar mangas
e lastimar o destino
das mulheres da Funda,
dos nossos cantos de lamento,
dos nossos desesperos
e das nuvens dos nossos olhos
Lembras-te?

[18] Foi Deus que o fez! / Foi Deus que o fez…(estribilho de um jogo de crianças).

Para aqui estou eu
Mussunda amigo.

A vida, a ti a devo
à mesma dedicação, ao mesmo amor
com que me salvaste do abraço
da gibóia

à tua força
que transforma os destinos dos homens.

A ti
amigo Mussunda, a ti devo a vida.

E escrevo
versos que tu não entendes!
Compreendes a minha angústia?

Para aqui estou eu
Mussunda amigo
escrevendo versos que tu não entendes.

Não era isto
o que nós queríamos, bem sei
mas no espírito e na inteligência
nós somos.

Nós somos
Mussunda amigo
Nós somos!

Inseparáveis
caminhando ainda para o nosso sonho.

Os corações batem ritmos
de noites fogueirentas
os pés dançam sobre palcos
de místicas tropicais
os sonos não se apagam dos ouvidos

– o ió kalunga ua mu bangele…

Nós somos!

Kinaxixi

Gostava de estar sentado
num banco do Kinaxixi
às seis horas duma tarde muito quente
e ficar…

Alguém viria
talvez
sentar-se ao meu lado

E veria as faces negras da gente
a subir a calçada
vagarosamente
exprimindo ausência no quimbundo mestiço
das conversas

Veria os passos fatigados
dos servos dos pais também servos
buscando aqui amor ali glória
além de uma embriaguez em cada álcool

Nem felicidade nem ódio

Depois do sol posto
acenderiam as luzes e eu
iria sem rumo
a pensar que a nossa vida é simples afinal
demasiado simples
para quem está cansado e precisa de marchar.

Criar

Criar criar
criar no espírito criar no músculo criar no nervo
criar no homem criar na massa
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
sobre a profanação da floresta
sobre a fortaleza impúdica do chicote
criar sobre o perfume dos troncos serrados
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
gargalhadas sobre o escárnio da palmatória
coragem na ponta da bota do roceiro
força no esfrangalhado das portas violentadas
firmeza no vermelho sangue da insegurança
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
paz sobre o ódio
criar
criar paz com os olhos secos

Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas simuladas
criar
criar amor com os olhos secos.

Aspiração

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas.

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar.

Ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos.

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida.

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado.

Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco.

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo.

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer.

E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu
Desejo transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

O Caminho das Estrelas

Seguindo
    o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
sobre a onda sobre a nuvem
com as asas primaveris da amizade

Simples nota musical
indispensável átomo da harmonia
partícula
germe
cor
na combinação múltipla do humano

Preciso e inevitável
como o inevitável passado escravo
através das consciências
como o presente

Não abstracto
incolor
    entre ideias sem cor
sem ritmo
    entre as arritmias do irreal
inodoro
    entre as selvas desaromatizadas
    de troncos sem raiz

Só

Mas concreto
vestido do verde
do cheiro novo das florestas depois da chuva
da seiva do raio do trovão
as mãos amparando a germinação do riso
sobre os campos de esperança

A liberdade nos olhos
o som nos ouvidos
    das mãos ávidas sobre a pele do tambor
num acelerado e claro ritmo
de Zaires Calaáris montanhas luz
vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais violentados
harmonia espiritual de vozes tam-tam
num ritmo claro de África

Assim
    o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
para a harmonia do mundo.

MÁRIO ANTÓNIO

Rua da Maianga

Rua da Maianga
que traz o nome de um qualquer missionário
mas para nós somente
a rua da Maianga.

Rua da Maianga às duas horas da tarde
lembranças das minhas idas para a escola
e depois para o liceu
Rua da Maianga dos meus surdos rancores
que sentiste os meus passos alterados
e os ardores da minha mocidade
e a ânsia dos meus choros· desabalados!

Rua da Maianga às seis e meia
apito do comboio estremecendo os muros
Rua antiga da pedra incerta
que feriu meus pezitos de criança
e onde depois o alcatrão veio lembrar
velocidade aos carros
e foi luto na minha infância passada!

(Nené foi levado ao Hospital
meus olhos encontraram Nené morto
meu companheiro de infância de olhos vivos
seu corpo morto numa pedra fria!)

Rua da Maianga a qualquer hora do dia
as mesmas caras nos muros
(As caras da minha infância
nos muros inapagados!)

as moças nas janelas fingindo costurar
a velha gorda faladeira
e a pequena moeda na mão do menino
e a goiaba chamando dos cestos
à porta das casas!
(Tão parecido comigo esse menino!)

Rua da Maianga a qualquer hora
o liso alcatrão e as suas casas
as eternas moças de muro
Rua da Maianga me lembrando
meu passado inutilmente belo
inutilmente cheio de saudade!

Avó Negra

Minha avó negra, de panos escuros
da cor do carvão.
Minha avó negra, de panos escuros
que nunca mais deixou.

Andas de luto,
Toda és tristeza.

Heroína de ideias,
rompeste com a velha tradição
dos cazumbis, dos quimbandas.

Não chinguilas no óbito.
Tuas mãos de dedos encarquilhados
Tuas mãos calosas da enxada
tuas mãos que me preparam
mimos da nossa terra

(quitabas e quifufutilas),
tuas mãos, ora tranquilas,
desfiam as contas gastas
de um rosário já velho.

Já não sabes chinguilar,
não fazes mais que rezar.
Teus olhos perderam o brilho
E, da tua mocidade
só te ficou a saudade
e um colar de missangas.

Avozinha, às vezes,
ouço vozes
que te segredam saudades
da tua velha sanzala
da cubata onde nasceste
das algazarras dos óbitos
das tentadoras mentiras do quimbanda
dos sonhos do alambamento
que supunhas merecer.

E penso que
se pudesses
talvez revivesses
as velhas tradições!

Noites do Morro

Noites de luar no Morro da Maianga.
Anda no ar uma canção de roda:
«Banana podre não tem fortuna
fru-tá-tá, fru-tá-tá…»

Moças namorando nos quintais de madeira;
velhas falando conversas antigas
sentadas na esteira;
homens embebedando-se nas tabernas;
e os emigrados das ilhas…
– os emigrados das ilhas
com o sal do mar nos cabelos,
os emigrados das ilhas
que falam de bruxedos e sereias
e tocam violão
e puxam faca nas brigas…

– Ó ingenuidade das canções infantis,
ó namoros de moças sem cuidado,
ó histórias de velhas,
ó mistérios dos homens,
– vida:
Proletários esquecendo-se nas tascas,
emigrantes que puxam faca nas brigas,
e os sons do violão,
e os cânticos da Missão,
os homens,
os homens,
as tragédias dos homens.

Sobre uma Velha Fotografia

Donas do outro tempo
Vejo-as neste retrato amarelado:
Como estranhas flores desabrochadas
negras, no ar, soltas, as quindumbas.
Panos garridos nobremente postos
e a posição hierática dos corpos.

São três sobre as esteiras assentadas
numa longínqua tarde de festejo
(Tinha ancorado barco lá no rio?
Havia bom negócio com o gentio?
Celebrava-se a santa milagrosa,
tosca, tornada cúmplice de pragas,
carregada de ofertas, da capela?)
e, a seu lado, sentados em cadeiras,
três homens de chapéu, colete e laço,
botinas altas, calças de cheviote.
Donas do tempo antigo, que perguntas
poderia fazer aos vossos olhos
abertos para o obturador da fotográfica?
Senhoras de moleques e discípulas
promotoras de negócios e quitandas
rendilheiras de jinjiquita e lavarindo,
Donas que percebíeis a unidade
íntima, obscura, do mistério e do desígnio,
atentas ao acaso que é a vida
(Há sopros maus nos ventos! Gritos maus
no rio, na noite, no arvoredo!)
e que, porque sabíeis que a vida é larga e vária
e vários e largos os caminhos possíveis,
à nova fé vos destes, confiantes.

O que ficou de vós, donas do outro tempo?
Como encontrar em vossas filhas de hoje
a vossa intrepidez, a vossa sabedoria?

Os tempos são bem outros e mudados.
A tarde da fotografia, irrepetível.
Água do rio Quanza não pára de correr,
sempre outra e renovada.

E dessa fotografia talvez hoje só exista
na vilória onde as casas são baixas e fechadas
e têm corpo, pesam, as sombras e o calor,
a copa farfalhante da mulemba
que vos deu sombra e fresco nesse domingo antigo.

O Amor e o Futuro

Calar
esta linguagem velha que não entendes
(Tu és naturalmente de amanhã
como a árvore florida)
e falar-te na linguagem nova do futuro
engrinaldada de flores.

Calar
esta saudade velha
e a nostalgia herdada de brancos marinheiros
e de escravos negros
de noite sonhando lua
nos porões dos negreiros.

Calar
todo este choro antigo
hoje disfarçado em slow, bolero e blue
(Teu sentimento
e esta pressão dorida que não mente:
teus seios contra o meu peito
a tua mão na minha
o calor das tuas coxas
e os teus olhos ardentes…)

Calar tudo isso
(Tu és naturalmente do futuro
como a árvore florida)
e ensaiar o canto novo
da esperança a realizar
Cantar-te
árvore florida
espera de fruto
ante-manhã

Nascer do Sol em minha vida.

Linha Quatro

No largo da Mutamba às seis e meia
carros pra cima carros pra baixo
gente subindo gente descendo
esperarei.

De olhar perdido naquela esquina
onde ao cair da noite a manhã nasce
quando tu surges
esperarei.

Irei prá bicha da linha quatro
atrás de ti. (Nem o teu nome!)
Atrás de ti sem te falar
só a querer-te.

(Gente operária na nossa frente
rosto cansado. Gente operária
braços caídos sonhos nos olhos.

Na linha quatro eles se encontram
Zito e Domingas. Todos os dias
na linha quatro eles se encontram.

No maximbombo da linha quatro
se sentam juntos. As mãos nas mãos
transmitem sonhos que se não dizem.)

No maximbombo da linha quatro
conto meus sonhos sem te falar.
Guardo palavras teço silêncios
que mais nos unem.

Guardo fracassos que não conheces
Zito também. Olhos de cinza
como Domingas
o que me ofereces!

No maximbombo da linha quatro
sigo a teu lado. Também na vida.
Também na vida subo a calçada
Também na vida!

Não levo sonhos: A vida é esta!
Não levo sonhos. Tu a meu lado
sigo contigo: Pra quê falar-te?
Pra quê sonhar?

No maximbombo da linha quatro
não vamos sós. Tu e Domingas.
Gente que sofre gente que vive
não vamos sós.

Não vamos sós. Nem eu nem Zito.
Também na vida. Gente que vive
sonhos calados sonhos contidos
Não vamos sós.

Também na vida! Também na vida!

Sob as Acácias Floridas

1.
Com novembro a chiar nestas cigarras
as acácias sangrando suas flores
e um sol afirmativo num céu alto

Espero a tua carta e a minha vida

Uma pausa do tempo em minhas mãos
preenchida
pela contagem das horas
nas cigarras e pétalas caídas.

2.
A rua corre larga e sossegada
É a hora de tu vires!
Tu vens (eu sei) na moldura vesperal
com esta luz do passado nas paredes
e este céu de altocúmulos de dezembro.

Com os estames d'acácia
jogo a vida nas sortes infantis
«Antera cai? Não cai? Ela virá? Não vem?»
E a cada sorte recuso a evidência
«Ela virá? Não vem?»
É a hora de chegares!

3.
Os aros dos meus óculos te emolduram
ó Vénus de cabelos desfrisados!
Enquanto as minhas mãos, cegas, procuram
O cofre dos teus seios apertados.

Construímos assim a primavera
– a negada primavera dos amores:
Pega uma flor d'acácia para a pores
no meu cabelo indómito de fera.

Repara e vê a doce realidade:
os nossos jogos simples e ingénuos!
Esta soalheira vespertina hoje é-nos
Bela imagem da nossa felicidade.

4.
Cigarreio sem sol neste dezembro.
E um céu da cor da angústia que me dá
a tua ausência em carne e em pensamento.

Magoa-me o teu rosto que não lembro
e o teu vestido branco tafetá
que voava batido pelo vento.

Se esta vida tão clara e simples fosse
como a imagem fixada desse instante
nenhum mal me faria esta chuva precoce.

Chuva, mãe dos poetas, minha amante,
lava às acácias o sanguíneo canto,
cala a voz das cigarras e o meu pranto!

TOMÁS JORGE

Colonização

Meu avô Botelho não sei quem foi!

Veio lá das bandas do Porto
Na baía de Luanda desembarcou
Andou pelo areal
Teve amor com a minha avó Conceição
E nasceu uma menina Leonor
Mulata.

Peregrinante:
Amboím por um tempo
Benguela por outro.
– Rodopiar de vagabundo
No vaivém Luanda
Torna viagem.

Minhas tias do Amboím ou de Benguela
Não sei quem são!

Meu avô Botelho não sei quem foi!

Recordação dele ficou fotografia
No grupo de muitos.
Mas mesmo minha mãe
Antiga menina Leonor
Na fotografia não sabe ao certo
Onde ele está.

– Era bem pequenina
Quando seu pai seguiu
Pras miragens do sul.

Só a minha mais velha tia Cacilda
Sabia dizer e contar histórias lendárias
Metendo matança de leões
Andanças de tipóia
Episódios de «Casa Grande e Sanzala»[19]
E rebitas e brigas
Nos musseques de antigamente.

Histórias mostrando uma temperança
De brigão e vagabundo.

Só a minha tia Cacilda
Sabia apontar com o dedo
Nos fartos bigodes do meu avô Botelho
Numa fotografia de palmos
Com mais de dez figurantes
De igual modo vestidos e calçados à colonial.

Minha tia Cacilda dizia-me como que a sorrir veladamente:

– É este o teu avô Botelho
O menino não vai sair assim
Aventureiro de facilidades
Gostando de todas mulheres!

Mais tarde
Nas terras do Amboím
Seu corpo se misturou
Sem campa
Sem letreiro.
De modo simples
Como ele se misturou
Anonimamente
Na vida e nos corpos dos outros.

[19] Obra de Gilberto Freyre.

Forasteiro errante
Bandeirante
Amante de muitas negras
Povoador incógnito.

Saber que ele foi assim
É não saber nada.
Deixou herança
Não deixou testamento.
Dizem que o irmão dele com tudo ficou
E também tudo deixou
Sem deixar para ninguém.

Andam homens desaparecidos
E desconhecidos .
Na eterna poeira do areal.

Minhas tias do Amboím ou de Benguela
Não sei quem são!

Meu avô Botelho não sei quem foi!

Primeiro Poema para Ti

Eu era feliz
O dia estava lindo
O sol caía perpendicularmente em tudo
Reduzindo as sombras.

O sol alagava a paisagem
Enchia de luz pura
A tua casa pequenina
De madeira e telha.

Uma canção bailava nos teus lábios
Pertinho de mim
Notei quanto de belo tens de beleza.

Apeteceu-me castanha de caju
Mas o cajueiro ainda floria
Dando sombra e perfume à tua varanda.

Um cheiro de resina
Vinha com a brisa.
Sentados na varanda
Nossos pensamentos se perderam unidos.

Ao longe via-se o areal a perder-se
E a elevar-se e a encontrar-se
Com o céu a cair
E uns imbondeiros
Os baobás sempre sozinhos
Com seus braços de fantasmas
E grossos dedos elevados numa carícia
Por entre o horizonte vermelho e azul
Num entardecer distante

O dia estava lindo
Eu era feliz.
Pertinho de Ti
Notei quanto de belo tens de beleza!

Segundo Poema para Ti

Dilda
Queres saber:
    Ando saturado e perdido na cidade.
    Nela só encontro fumo, carbono e maldade
    Dos carros e dos homens que passam.

Brevemente irei à tua casa pequenina
De madeira e telha
Isolada no areal.

Abrirei os pulmões à pura brisa.
Dilda: abrirei os meus braços aos teus braços.

Não me dês nada que não fale de nós!
Na tua casa, que bom!
O barulho mora longe
O vento passa mansinho
Ouve-se a brisa farfalhando no cajueiro
E a tua voz, lenta, doce e triste.

Na tua casa
Com o fogão fazendo comida nossa;
Na tua voz e no cheiro da resina
Do tronco do cajueiro
Quero encontrar-me a mim mesmo.

Sentirei de novo o meu coração feliz.

Ama Negra

Teu corpo
Gordo
Redondo
Feio
Mas belo.

Teu rosto largo
Nariz largo
Olhos grandes

Cabelo lanoso
Tudo grande
Nasceste assim
Feia mas bela.

As crianças gostam de ti
Da tua bondade e paciência
Mãe Santa
Ama de muitas crianças.

Aquele menino branco
António
Não gosta de mais ninguém.

Outro Jesus no Areal

Menino Jesus
Menino bom
Veio
Sentou-se
Conversou
Falou do mundo
Do novo mundo
E dos novos homens

O menino grande
O menino bom
Tem palavras bonitas
Simplicidade
Amor nos gestos
Como o primeiro Jesus

Menino bom
Menino grande
Apertou as mãos
Sentou-se
Sorriu para todos
Contou uma história
E várias histórias

Andou no areal
De cubata em cubata
Como na Palestina
Outro menino andou
Todo simples
Quase descalço
Erguendo a sua doutrina

Como um profeta
Por onde passou
Com jeito
E inspiração de poeta
Falou da vida
e dos homens:

– ANTES DE AMAREM A DEUS
AMAI-VOS PRIMEIRAMENTE

E a sua lição ficou
Em cada um de nós
Como uma esperança
A madrugar
Sentimentos novos

Menino bom
Menino grande
Cuidado!
– Nem sempre se pode ser Jesus
Sem se morrer na cruz.

Canção de Esperança

Uma borboleta negra
Uma borboleta branca
Flores verdes
No jardim da esperança

Menina mulata
E mais crianças
Negras e brancas
No jardim da esperança

Menina mulata
E mais crianças
Negras e brancas
No jardim da esperança

Pombas nas alfombras
Lírios garridos
Pétalas vermelhas
Miradoiro
Mar gordo
Terra úbere
Jardim da esperança

Crianças
Só crianças
Fazendo rodas miúdas
Canto comum de vida
No jardim da esperança

Repuxo
– Água procurando raízes
Crianças
– Vozes procurando eco
Terra
Pombas
Borboletas
Flores e paz
Murmúrio doce
– Canção infantil

Canções em bocas pequenas
Crianças – futuro presente
Meu poema gordo de crianças
Pleno de sangue jovem
Minha terra – jardim da esperança

ALDA LARA

Prelúdio

Para a Lydia - minha velha ama negra

Pela estrada desce a noite
Mãe-Negra desce com ela.

Nem buganvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhos,
nem brincadeiras de guisos
nas suas mãos apertadas...

Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.

Mãe Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas de cajueiro...
tem voz de noite descendo
de mansinho pela estrada.

..Que é feito desses meninos
que gostava de embalar?
Que é feito desses meninos
que ela ajudou a criar?
Quem ouve agora as histórias
que costumava contar?...

Mãe-Negra não sabe nada.
Mas ai de quem sabe tudo,
como eu sei tudo,
Mãe-Negra...

É que os meninos cresceram,
e esqueceram
as histórias
que costumavas contar…

Muitos partiram pra longe,
quem sabe se hão-de voltar!…

Só tu ficaste esperando,
mãos cruzadas no regaço,
bem quieta, bem calada…

É tua a voz deste vento,
desta saudade descendo
de mansinho pela estrada…

Regresso

Quando eu voltar
que se alongue, sobre o mar,
o meu canto ao Criador…
porque me deu vida, e amor,
para voltar…
…Voltar…
Ver de novo baloiçar
a fronde majestosa das palmeiras,
que as derradeiras horas do dia
circundam de magia…
… Regressar…
Poder de novo respirar,
(ó minha terra!)
aquele odor escaldante
que o húmus vivificante do teu solo, encerra…

Embriagar uma vez mais
o olhar,
numa alegria selvagem,
que o sol,
a dardejar calor,
transforma num inferno de cor!
…
Não mais o pregão das varinas,
nem o ar monótono, igual,
do casario plano…
Hei-de ver outra vez as casuarinas
a debruar o oceano…
Não mais o agitar fremente
de uma cidade em convulsão,
não mais esta visão,
nem o crepitar mordente destes ruídos…

Os meus sentidos,
anseiam pela paz das noites tropicais,
em que o ar parece mudo
e o silêncio envolve tudo…
Tenho sede …
sede dos crepúsculos africanos
todos os dias iguais,
e sempre belos,
de tons quase irreais…
Saudade… Tenho saudade
do horizonte sem barreiras
das calemas traiçoeiras,
das cheias alucinadas…
Saudade das batucadas que eu nunca via,
mas pressentia em cada hora,
soando pelos longes,
noite fora…

Sim! Eu hei-de voltar,
tenho de voltar! não há nada
que me impeça...
Com que prazer hei-de esquecer
toda esta luta insana,
que em frente,
está a terra angolana,
a prometer o mundo a quem regressa!...

Ah! quando eu voltar...
Hão-de as acácias rubras,
a sangrar, numa verbena sem fim,
florir só para mim...
E o sol esplendoroso e quente,
o sol ardente,
há-de gritar
na apoteose do poente
o meu prazer sem lei...
a minha alegria enorme de poder
enfim dizer,
«Voltei»!...

Presença

E apesar de tudo
ainda sou a mesma!
Livre e esguia,
filha eterna de quanta rebeldia
me sagrou.
Mãe-África!
Mãe forte da floresta e do deserto,
ainda sou

a irmã-mulher
de tudo o que em ti vibra,
puro e incerto!

– A dos coqueiros,
de cabeleiras verdes
e corpos arrojados
sobre o azul...
A do dendém
nascendo dos abraços
das palmeiras...
A do Sol bom,
mordendo
o chão das Ingombotas...
A das acácias rubras,
salpicando de sangue as avenidas
longas e floridas...

Sim! ainda sou a mesma...
– A do amor transbordando
pelos carregadores do cais
suados e confusos,
pelos bairros imundos e dormentes
(Rua 11... Rua 11...)
pelos negros meninos
de barriga inchada
e olhos fundos...

Sem dores nem alegrias,
de tronco nu e corpo musculoso
a raça escreve a prumo,
a força destes dias ...

E eu, revendo ainda
e sempre, nela,
aquela
longa história inconsequente…
Terra!
Minha, eternamente!
Terra das acácias,
dos dongos,
dos cólios, baloiçando
mansamente… mansamente!…
Terra!
Ainda sou a mesma!

Ainda sou
a que num canto novo,
pura e livre,
me levanto,
ao aceno do teu Povo!…

Rumo

A João B. Dias

É tempo, companheiro!
Caminhemos…
Longe, a Terra chama por nós,
e ninguém resiste à voz
Da Terra…

Nela,
o mesmo sol ardente nos queimou
a mesma lua triste nos acariciou,
e se tu és negro e eu sou branca,
a mesma Terra nos gerou!

Vamos, companheiro…
É tempo!

Que o meu coração
se abra à mágoa das tuas mágoas
e ao prazer dos teus prazeres
Irmão
Que as minhas mãos brancas se estendam
para estreitar com amor
as tuas longas mãos negras…
E o meu suor
se junte ao teu suor,
quando rasgarmos os trilhos
de um mundo melhor!

Vamos!
que outro oceano nos inflama…
Ouves?…
É a Terra que nos chama…
É tempo, companheiro!
Caminhemos…

Anúncio

Trago os olhos naufragados
em poentes cor de sangue…

Trago os braços embrulhados
numa palma bela e dura,
e nos lábios a secura
dos anseios retalhados…

Enrolados nos quadris
cobras mansas que não mordem
tecem serenos abraços…
E nas mãos, presas com fitas
azagaias de brinquedo
vão-se fazendo em pedaços…

Só nos olhos naufragados
estes poentes de sangue…

Só na carne rija e quente,
este desejo de vida!…
Donde venho, ninguém sabe
e nem eu sei…

Para onde vou
diz a lei
tatuada no meu corpo…

E quando os pés abram sendas
e os braços se risquem cruzes,
quando nos olhos parados
que trazemos naufragados
se entornarem novas luzes,

Ah! quem souber,
há-de ver
que eu trago a lei
no meu corpo…

Testamento

À prostituta mais nova
do bairro mais velho e escuro
deixo os meus brincos, lavrados
em cristal, límpido e puro…

E àquela virgem esquecida,
rapariga sem ternura,
sonhando algures uma lenda,
deixo o meu vestido branco,
o meu vestido de noiva,
todo tecido de renda…

Este meu rosário antigo,
ofereço-o àquele amigo,
que não acredita em Deus…
E os livros, rosários meus
das contas de outro sofrer,
são para os homens humildes,
que nunca souberam ler.

Quanto aos meus poemas loucos,
esses, que são de dor
sincera e desordenada…
esses, que são de esperança,
desesperada mas firme,
deixo-os a ti, meu Amor…

Para que, na paz da hora,
em que a minha alma venha
beijar de longe os teus olhos,

vás por essa noite fora…
com passos feitos de lua
oferecê-los às crianças
que encontrares em cada rua…

ALEXANDRE DÁSKALOS

Despertar

Acorda,
erguido como o sol sobre as montanhas...

Estende os braços
à vida que te chama,
e canta!...

Vai!...
E de cabelo ao vento,
constrói a vida pela raiz da dor no fogo das entranhas.

Vai!...
E que os olhos
e os lábios
vejam e saibam
do fragor da luta...

Filho da terra que te deu o ser,
corre no impulso da enchente
tropical
dum sangue quente,
e em tempestades de amor
troveja e geme
na alegria de lutar
e de viver!

Sereno como o rio
que volta ao leito,
dá-te para os outros
– Seu irmão –
Irmãos que sejam como tu:

dos pés à boca
homens
que não neguem
a sua condição...

Há lobos
dispersos no caminho...

E vai,
a fronte juvenil
erguida engrinaldada ao sol,
a Vida
confiante ao punho
dessas mãos viris...

Irmãos, vinde!...
o sol ergue-se nas montanhas.
A vida não se fecha,
a todas faz florir...
a vida tem de ser aberta –
sejamos nós o fruto e a oferta
da árvore do porvir...

Lei

Livre, livre mas sem asas.
Homem apenas.
A fronte erguida
o olhar em frente
o lábio a sorrir
para a manhã...

Os passos
apenas vão seguindo
o que na rasgada treva se adivinha...

Os braços construindo
o que é flor, e é fruto,
e é semente,
e flor e fruto
de amanhã…

E vamos:
o mundo que nos leva vai,
não fica à nossa frente.

Poema

Eis-nos aqui no caminho
traçado por nossa mão.
Cada braço traz um punho
e cada punho um punhal.

Bandoleiros na vida,
vida errante era o destino!
Nas costas nasceram traços
da vida dura, sem pão.

Rugas dos covais da vida
cemitérios da ilusão!…
Mortos, mortos mas com vida
quase à beira do chão.

Quase à beira do chão
Rastejantes, vermes, podres!…
Pobre miséria do mundo
Só o dinheiro é patrão

Só o dinheiro é senhor
Dos vermes sujos do chão

Cada verme traz um punho
Com uma faca na mão.

Desolação

Tudo se foi por água abaixo
as enxurradas levaram os milhos,
os comerciantes fecharam a porta,
os contratados seguiram para S. Tomé,
as mulheres negras com os filhos pendentes das longas tetas negras
caminharam pelos desertos da vida.
Com os olhos enxutos, sem lágrimas,
viram morrer os filhos
caídos como os gados pelas pastagens áridas…
Os cadáveres trouxeram epidemias,
morreu mais gente,
e todos morreram
como se não morressem.

Tudo se passou no silêncio amordaçado da Selva.

Agora,
em desespero de virgem
violentada e infecunda,
grita a terra nua
a desolação da paisagem morta.

Carta

Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo, meu irmão
Sou fio dos pais da terra

Tenho corpo p'ra sofrer
Boca para gritar
E comer o que comer
Os meus pés que vão
No chão
Minhas mãos são de trabalho
Em coisas que eu não sei
E não tenho nem apalpo
Trabalho que fica feito
Para o branco me dizer
«Obra de preto sem jeito»
E minha cubata ficou
Aberta à chuva e ao vento
Vivo ali tão nu e pobre
Magrinho como o pirão
Meus fios saltam na rua
Joga o rapa sai ladrão
Preto ladrão sem imposto
Leva porrada nas mãos
Vai na rusga trabalhar
Se é da terra vai para o mar
Larga a lavra deixa os bois
Morre os bois… e depois?
Se é caçador de palanca
Se é caçador de leão
Isso não faz mal nenhum
Lança as redes no mar
Não sai leão sai atum…
Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo meu irmão
Sou fio dos pais da terra
Um pouco de coração
De coração e perdão
Jesus Cristo meu irmão.

COCHAT OSÓRIO

Cidade

1

Seis horas da manhã.
No céu
anda um silêncio azul-violeta.
Aqui,
ali,
além,
um motor a roncar
aquece.
Os pardais dão bicadas no silêncio
num tom mordente,
alegre,
impertinente.
…

24

Depois
já passam muitos mais ao mesmo tempo:
o rio é caudaloso.
É gente que caminha decidida.
Há um andar atlético, consciente,
um passo calculado e persistente,
a marcha vigorosa dessa gente
que vai ganhar a vida.

25

Pretos e brancos vão na mesma pista.

Alguns até conversam e discutem,
porque o trabalho e o pão não são racistas.

26

Há um sabor gostoso de manhã
nesta marcha da gente que procura
animar a cidade que a não vê.
A cidade que pensa que a cidade
é só daqueles que nunca acordam cedo
e alugando um polícia para cada medo
conseguem saturar esta cidade imensa
da sua vadiagem tola e vã.

27

Mas eu sei que não é!

Esta cidade,
a terra desta gente,
a terra do trabalho que consome
e que contenta
e mata a fome;

esta cidade de calor,
com sangue
e carne
e fel
e amor
e corpo de cidade;

que é cheia de trabalho e de suor
e força
e dignidade;

cidade com as cores do arco-íris,
que o sol acorda e pinta
com as tintas de sangue da paleta inquieta
dum pintor
que além de ser pintor inda é poeta;

a cidade que vibra intensamente
e grita
essa mensagem quente de vigor
e de ansiedade
que é o sangue da gente misturado à cor
da cor
duma cidade;

esta cidade quente
fantasiada com a luz potente
do sol
e da manhã;
cidade que recebe do trabalho
a condição humana;

terra que o sol queimou para a tornar mais sã;

é feita com a força consciente
da luta continuada desta gente
que vive
e sofre
e ri
e canta
e sente
e encharca de suor os dias da semana!

ANTÓNIO CARDOSO

Árvore de Frutos

Cheiras ao caju da minha infância
e tens a cor do barro vermelho molhado
de antigamente;
há sabor a manga a escorrer-te na boca
e dureza de maboque a saltar-te nos seios.

Misturo-te com a terra vermelha
e com as noites
de histórias antigas
ouvidas há muito.

No teu corpo
sons antigos dos batuques à minha porta,
com que me provocas,
enchem-me o cérebro de fogo incontido.

Amor, és o sonho feito carne
do meu bairro antigo do musseque!

Desânimo

Com a morte cá dentro
que poema de amor e esperança
te posso dar, amor?

Árvore desenraizada
murchando à míngua d'água
que não lhe trazes, amor,
que poema de amor e esperança
te posso ofertar ainda?

Que venham as crianças amanhã
encher o mundo de balões e risos
que venha o sol fecundante
semear a vida nova que não alcanço
e que a árvore morra de morte natural!

Poema

I

Amanhã, quando morrer
eu quero ser enterrado
virado para Oriente;
De pé,
braços cruzados
à espera que nasça o Sol!

Quer seja enterro falado
(Um enterro burguês a valer),
quer seja de pobre-diabo
eu quero ficar assim:
De pé,
braços cruzados
à espera que nasça o Sol!

II

Amanhã
vai nascer um Sol maduro
por cima do meu telhado
de menino rico com tudo.

Amanhã
vai nascer um Sol maduro
por cima do capim podre
dos meninos pobres sem nada.

Depois,
amanhã,
(naquele dia de SolSOL maduro
como goiava que o morcego quer morder)
O menino rico que mora dentro de mim
mais todos os meninos pobres
que moram dentro do mundo
vamos fazer uma roda grande
e brincar novamente
as brincadeiras do antigamente.

São Paulo

Anda no ar
uma cantiga
que sai da roda dos meninos-velhos.
A lua queda-se matreira à espreita
dos pares de namorados
no escuro das cubatas.
Velhas sorriem tristes
com o mistério da vida desvendado
nos olhos sem luz.
Gritos de homens perdidos e bêbados
fendem a noite.
De repente silêncio: passa a ordem armada,
arrastam-se sombras compridas

de cipaios envergonhados.
Homens brancos de todas as classes
farejam as mulatas costureiras da Baixa.
Às vezes um sexo novo
morre à esquina da casa do namorado,
como se uma estrela s'apagasse no céu.
Há recortes de luz em portas e janelas
e sombras aninhadas ouvindo histórias antigas
de guerreiros e feitiços,
d'esperanças, fatalismos e amores impossíveis.
Velhos cachimbam no silêncio
curvados ao desengano da noite que dura.
Clareiras de luz em frente das tabernas
e homens deitados com mulheres de vinte escudos
espremem o desespero das suas vidas roubadas.
Mas há ainda a esperança a compor a paisagem
e que ninguém vê;
a esperança que se deita com elas
e vai com eles;
que salta na cantiga
que sai da roda dos meninos-velhos;
que mora nos olhos dos namorados
que a lua persegue;
que acompanha as mãos nas facadas
e enche os gritos e os silêncios todos do Musseque
a esperança que ela deixou ir no sexo
e nas lágrimas que então chorou;
a esperança que alimenta o ódio seco do namorado
e lhe enche o coração deserto;
a esperança que os cobre de noite e luar
e s'esconde, quando a ordem armada
aparece com os cipaios envergonhados.

ARNALDO SANTOS

Poema

Estática claridade
Tem no ar simulações de cores.

Porém na linha dura deste dedo
Há cemitérios cobertos
Nódoas de pastosas manchas borbulhando mágoas…

Densas manchas de silêncios
Sentimentos
Tons convulsos de soluços…

Estática claridade
Tem no ar simulações de cores

No fundo constante sempre negro.

…………..

No poente
Quando o pensamento se ajusta mais à natureza
E vejo o sol cansado
No horizonte nevoento

Olho a sanzala postada na montanha
A terra erguendo o gesto largo

E sinto como que o sopro melódico
De uma canção cruel
Perpassando na paisagem silenciosa.

Contratados

Vinham ao longe
Aglutinados
Baforada de sussurros no horizonte
Como ressonâncias fundas de uma força.

Força que é penhor de gemidos
De levas passadas
Que arrastam pobres.

Vinham ao longe
Em conversas vagas
Na tarde baixa ressumando dobres.

Regresso

Bandeiras sem cores
Tremulando ao vento…

Passa um camião onde vozes cantam.
São homens que voltam.

E o sonoro canto vai longe… longe…
Às cubatas sós onde mães esperam…

Bandeiras-desejos
Tremulando ao vento…

E vozes deixando na esteira dura
Com o pó da estrada
Cantos de renúncia.

E tremulando sempre
Bandeiras sem cores agitam desejos.

Nascem vagidos novos nas sanzalas!

....

Soturnidades suspensas palpitam no escuro
Como pulsações sombrias de ngomas.

Há ecos de falas abafadas
Longínquos sons que o vento move
Cavando distâncias na distância
Fatais
como a queda livre de uma pedra.

E esfiam-se vidas em murmúrios...

E há olhos postos no caminho...

E eu sinto que a marcha dos meus passos
Cala vozes nas cubatas

Acorda silêncios no negrume.

LUANDINO VIEIRA

Canção Para Luanda

A pergunta no ar
no mar
na boca de todos nós:
– Luanda onde está?

Silêncio nas ruas
Silêncio nas bocas
Silêncio nos olhos

– Xê
mana Rosa peixeira
responde?

– Mano
Não pode responder
tem de vender
correr a cidade
se quer comer!

«Ola almoço, ola almoçoéé
matona calapau
ji ferrera ji ferreréééé»[20]

– E você
maná Maria quitandeira
vendendo maboque
os seios-maboque
gritando
saltando

[20] «Olha o almoço, olha o almoço/matona carapau/ferreira ferreirinha» (Pregão de quitandeira).

os pés percorrendo
caminhos vermelhos
de todos os dias?
«maboque m'boquinha boa
dóce dócinha»

– Mano
não pode responder
o tempo é pequeno
Para vender!
Zefa mulata
o corpo vendido
baton nos lábios
os brincos de lata
sorri
abrindo seu corpo
– seu corpo-cubata!
Seu corpo vendido
viajado
de noite e de dia.
    – Luanda onde está?

Mana Zefa mulata
o corpo-cubata
os brincos de lata
vai-se deitar
com quem lhe pagar
– precisa comer!

– Mano dos jornais
Luanda onde está?
As casas antigas
o barro vermelho
as nossas cantigas
tractor derrubou?

Meninos nas ruas
caçambulas
quigosas
brincadeiras minhas e tuas
asfalto matou?

– Manos
Rosa peixeira
quitandeira Maria
você também
Zefa mulata
dos brincos de lata
– Luanda onde está?

Sorrindo
as quindas no chão
laranjas e peixe
maboque docinho
a esperança nos olhos
a certeza nas mãos
mana Rosa peixeira
quitandeira Maria
Zefa mulata
– os panos pintados garridos
caídos
mostraram o coração:
– Luanda está aqui!

COSTA ANDRADE

Dádiva

Sou mais forte que o silêncio dos muxitos
mas sou igual ao silêncio dos muxitos
nas noites de luar e sem trovões.

Tenho o segredo dos capinzais
soltando ais
ao fogo das queimadas de setembro
tenho a carícia das folhas novas
cantando novas
que antecedem as chuvadas
tenho a sede das plantas e dos rios
quando frios
crestam os ramos das mulembas.

… e quando chega o canto das perdizes
e nas anharas revive a terra em cor
sinto em cada flor
nos seus matizes
que és tudo o que a vida me ofereceu.

Jangos

Ó amálgama
de acusações
dos ramos secos
das mulembas

e sombras onde as sombras
foram luz…

receios mudos
apagados
diluídos
nas paredes tortuosas
das cubatas

… nos corações há vidas
de mortes que foram vidas
ecos de caminhos
e segredos

… um fogo de queimada
transmitido
em cada gesto
do fumo
dos cachimbos
e pausas graves na noite

as noites
as noites longas
são marcas
contando o tempo e a idade.

Poema

....

4

Ver-te geométrica, Chissola,
no azul inconfundível
do Huambo.
Chamar-te: Amor!... Amor!... Amor!...
longos caminhos quentes sob as acácias em flor
percorre a vida já vivida.

Que resta da ternura
de chamar-te minha
sem o embargo da proibição latente
da cor? sem mil dedos em conluio
poderoso? sem teorias longínquas
contrariadas na prática
incongruente?

Que resta amor? da voz que te chamou:
Amor!... Amor!...

Eco sem voz
indecisão agrilhoada
criada por condições impostas
na sombra de mil tramas
ancestrais.
«A lei proíbe distinções!»

... que resta da visão
geométrica, do traço azul
do teu desenho?

Chamo-te: Amor!... Amor!...
– Não me respondes
Quero escrever-te:
– Não sabes ler
Quero falar-te:
– (como podes entender-me

se nunca te ensinaram
a língua
que dizem ser a tua?)

... que resta amor? que resta?
De mim a incerteza de me supores
o que não sou...
De ti o drama de não saberes
bem o que sou.

Ver-te geométrica, ponto distante
forma presente, no azul
do Huambo
Chamar-te: Amor!... Chissola!...
Chissola!... e não poder fazê-lo
que me não crês
porque me julgas
apenas branco
e fazê-lo
gritando aos brancos
que sou diferente, que sou Angola
Chissola! florimos juntos sob as acácias

Oh! drama do branco nascido em África!

....

7

Nas vozes de todas as vozes
apagadas nos porões
das coisas
escuta-se
o mesmo eco

No gemer de todas as amarras
de todos os barcos
o mesmo eco

Nas forças de todas as forças
de todos os homens
o mesmo anseio
de igualdade

Ficam pra trás ecos bastardos
das forças de todos os homens
dos gemidos de todas as amarras
das vozes de todas as vozes
que ainda condenam
o nosso amor

Ficam pra trás, Chissola!
Eu sei.
E amanhã
sem que tenhas vertido lágrimas
nem sangue,
nem mais sangue
nem mais lágrimas
do que as vertidas
nos sonhos mortos
dos teus mortos
saberás

que a vida
não é vingança
mas o caminho
que nos barram,
verás, Chissola
que todas as cores de todos os quadros
terão uma outra luz
chamada AMOR

MANUEL LIMA

Quissanje na Noite

Quero uma noite de fantasia
uma noite de futuro
para toda a minha África.
Não quero nada mais que esta noite.

Estão os meninos adormecidos,
não há cazumbis nos caminhos,
estão as fomes interrompidas.

Ouve o quissanje!

Noite madura e larga
como o horizonte,
mochos calados,
rios de eternidade,
aromas sublimados,
oração do silêncio.

Ouve o quissanje!

Germinam as sementes
no pensamento das gentes,
não há maldições no vento,
não sussurram mistérios,
não há rusgas nos quimbos;
descem as bênçãos
até aos mortos de apelidos perdidos.

Ouve o quissanje!

A Paz e o Amor
caminham de mãos dadas na noite.
No mundo tudo está certo,
o verme e a pedra,
a flor e a estrela,
tudo está em ordem.

Ouve o quissanje!
Ouve... ouve...

Escravos

Os homens acharam-se de peito
ao relento,
sem terra,
sem caminho,
sem destino,
homens sozinhos
acorrentados no terreiro
com os caminhos incógnitos do universo
traçados nos rostos atónitos,
homens de peito
ao relento,
quissanjes dispersos
nas insónias do mar.

Jornada

Vinhas só,
o olhar poeirento
e um oásis de esperança
nas mãos desertas.

Vinhas só,
as carnes acesas em sangue,
os cabelos de sombra estendidos
pela terra imensa mordida de dor;
e na areia solta dos teus pés
eu vi as raízes de África.

Chegaste
com passos velhos de ecos
que soaram
batuque e conquista
nas noites tumultuosas da Impis[21].

Chegaste
e cresceste em mim
no grito dos tempos.
Descansa à sombra da minha Vontade,
mãe,
eu continuarei a Jornada.

---

[21] Guerra (termo zulu).

ERNESTO LARA (FILHO)

Picada de Marimbondo

Para o Pila – companheiro de infância

Junto da mandioqueira
perto do muro de adobe
vi surgir um marimbondo.

Vinha zunindo
cazuza!
Vinha zunindo
Cazuza!

Era uma tarde em Janeiro
tinha flores nas acácias
tinha abelhas nos jardins
e vento nas casuarinas,
quando vi o marimbondo
vinha voando e zunindo
vinha zunindo e voando!

Cazuza!
Marimbondo
Mordeu tua filho no olho!

Cazuza!
Marimbondo
foi branco quem inventou...

Maracujá

Um dia
o pé de maracujá
que eu plantei no quintal
cresceu
e floriu.
Eu nunca tinha visto
a flor do maracujá.

Juro por Deus nunca vi
coisa mais linda no mundo
do que a flor violeta
do pé de maracujá
que eu plantei
na cerca do meu quintal.

Um dia
o maracujá
que eu plantei no meu quintal
cresceu e floriu…

Era no Tempo dos Tamarindos

Era no tempo dos tamarindos.

Meu pai sempre me acordava p'la manhã
e ia cantando pró quintal
enquanto fazia a barba
debaixo do caramanchão
da buganvília cor-de-violeta.

Era no tempo dos tamarindos.

Zenza Niala vinha entrando na cancela
à cabeça a quinda carregadinha de fruta
sempre cumprimentava minha Mãe:
– «Sápêrê, Dona!»
Minha Mãe respondia:
– «Olá!»
Ela agachava no chão
destapava a quinda
e por sob as folhas frescas de mamoeiro
mostrava papaias e pitangas saborosas.
Às vezes trazia fruta-pinha e sápe-sápe.

Era sempre o mesmo diálogo.
Minha Mãe: «Chingamim?»

Zenza Niala do chão sorria
mostrava os dentes de marfim
e respondia:
– «Meia-cinco, sinhóra!»

Era no tempo dos tamarindos.

E havia «bigodes» e «bicos de lacre»
cantando nas acácias do quintal.

Depois Zenza Niala ia embora,
as ancas baloiçando
a quinda na cabeça.
Era no tempo dos tamarindos em flor.

Infância Perdida
(*para o Miau*)

Nesse tempo, Edelfride,
com quatro macutas
a gente comprava
dois pacotes de ginguba
na loja do Guimarães.

Nesse tempo, Edelfride,
com meio angolar
a gente comprava
cinco mangas madurinhas
no Mercado de Benguela.

Nesse tempo, Edelfride,
montados em bicicletas
a gente fugia da cidade
e ia prás pescarias
ver as traineiras chegar
ou então
à horta do Lima Gordo
no Cavaco
comer amoras fresquinhas.

Nesse tempo, Miau,
(alcunha que mantiveste no futebol)
nós fazíamos gazeta
da escola coribeca
e íamos os quatro
jogar sueca
debaixo da mandioqueira.

Era no tempo
em que o Saraiva Cambuta batia na mulher
e a gente gostava de ver a negra levar porrada.

Era no tempo
dos dongos da ponte
dos barcos de bimba
dos carrinhos de papelão.

Como tudo era bonito nesse tempo, Miau!

Era no tempo do visgo
que a gente punha na figueira brava
para apanhar bicos-de-lacre e seripipis
os passarinhos que bicavam as papaias do Ferreira Pires
que tinha aquele quintalão grande e gostava de meninos.

Era no tempo dos doces de ginguba com açúcar.

Mais tarde
vieram os passeios nocturnos
à Massangarala
e ao Bairro Benfica.
E o Bairro Benfica ao luar
o poeta Aires a cantar
(meu amor da rua onze e seu colar de missangas…)
Tudo era bonito nesse tempo
até o Salão Azul dos Cubanos
e o Lanterna Vermelha – o dancing do Quioche.

Foi então que a vida me levou para longe de ti:
parti para ir estudar na Europa
mas nunca mais lhe esqueci, Edelfride,
meu companheiro mulato dos bancos de escola

porque tu me ensinaste a fazer bola de meia
cheia de chipipa da mafumeira.
Tu me ensinaste a compreender e a amar
os negros velhos do Bairro Benfica
e as negras prostitutas da Massangarala
(lembras-te da Esperança? Oh, como era bonita essa mulata…)
Tu me ensinaste onde havia a melhor quissângua
de Benguela:
era no Bairro por detrás do Caminho de Ferro
quando a gente vai na Escola da Liga.
Tu me ensinaste tudo quanto relembro agora
Infância Perdida
sonhos dos tempos de menino.

Tudo isso te devo
companheiro dos bancos de escola
isso
e o aprender a subir
aos tamarineiros
a caçar bituítes com fisga
aprender a cantar num kombaritòkué
o varrer das cinzas
do velho Camalundo.
Tudo isso perpassa
me enche de sofrimento.

Diz a tua Mãe
que o menino branco
um dia há-de voltar
cheio de pobreza e de saudade
cheio de sofrimento
quase destruído pela Europa.

Ele há-de voltar
para se sentar à tua mesa
e voltar a comer contigo e com teus irmãos
e meus irmãos
aquela moambada de domingo
com quiabos e gengibre
aquela moambada que nunca mais esqueci
nos longos domingos tristes e invernais da Europa
ou então
aquele calulu de Dona Ema.

Diz a tua Mãe, Edelfride,
que ela ainda me há-de beijar como fazia
quando eu era menino
branco
bem tratado
quando fugia da casa de meus Pais
para ir repartir a minha riqueza
com a vossa pobreza.
Diz tudo isso a toda a gente
que ainda se lembra de mim.
Diz-lhes, diz-lhes
grita-lhes
aos ouvidos
ao vento que passa
e sopra nas casuarinas da Praia Morena.
Diz aos mulatos e brancos e negros
que foram nossos companheiros de escola
que te escrevo este poema
chorando de saudade
as veias latejando
o coração batendo
de Esperança, de Esperança
porque ela

a Esperança
(como dizia aquele nosso poeta
que anda perdido nos longes da Europa)
está na Esperança, Amigo.

Edelfride, você não chore
saudades do Castimbala
nem lhe escreva
cartas como essa
que são de partir
meu pobre coração.

Nesse tempo, Edelfride,
Infância Perdida
era no tempo dos tamarineiros em flor…

HENRIQUE GUERRA

Vem, Cacimbo

Estende teus dedos anelados sobre a minha carapinha
derrama a tua inconsciente tranquilidade
sobre a minha angústia submergida.
Vem, cacimbo
eu quero ver os cafeeiros ao peso dos bagos vermelhos
endireita os troncos vencidos dos bambus
coroa os cumes altos das serras do Bailundo
limpa a visão empoeirada dos comboios que descem para Benguela
nimba poeticamente os horizontes dos camionistas de Angola.
Vem, cacimbo
debruça-te cuidadosamente sobre as plantas da madrugada,
destrói a angústia resignada das gentes da minha terra
abre-lhes os horizontes dos cantos de esperança.
Vem, cacimbo
Derrama a tua inquieta saciedade sobre a minha natureza
a esta hora empoeirada com o barulho das esquinas
com o cheiro a óleo sujo dos automóveis
e com a visão daquele nosso amigo
cujo ordenado são quinze escudos diários
irremediavelmente caído sobre a grama do jardim
Ó cacimbo
eu quero percorrer teus campos sossegados
orquestrados pela alegria do beija-flor.

O Moringue

O sol que queima as folhas das palmeiras
E os pés caminhantes sobre a areia
O sol que traz o vento e afasta o peixe
Ele não esquentará a água do moringue.
Não há sol no canto desta casa
Há sombras dos luandos que fazem as paredes
A areia do chão traz a frescura da terra
Os caniços dos luandos têm a frescura
Que trouxeram das terras de Cabíri
Quando, de andar nas canoas, voltamos do mar
E a garganta vem a arder como se era sal
A água do moringue sabe-nos como nada mais.

E, a quem nos pede, com o coração alegre,
Nós a oferecemos, nas canecas de esmalte.

Negras

Manancial verde ondulando as folhas verdes
as folhas do capinzal das bissapas selvagens
dos algodoais em estudada simetria.

A fita da estrada onde vem o progresso...

Mas o que eu vejo são os panos garridos
das mulheres curvadas apanhando as sementes
corpos curvados das misérias sofridas
mãos mirradas apanhando as sementes...

Língua-Mãe

Volto a ser pequeno
Como dantes para ir para a escola
Onde aprendi os números e as letras
As ciências e as línguas.
Mas desta vez não aprenderei
Nem letras nem línguas
Nem ciências nem números.

Aprenderei a ouvir o povo das sanzalas
Dos dongos dos rios, das canoas do mar,
Nos musseques e no morro da Maianga
As velhas contando coisas doutras eras.

Que me interessa saber a língua de Voltaire,
De Goethe e Shakespeare,
Se não sei o cantar das glebas negras?

Se não sei o dizer dos marimbeiros.
Os tocadores de tchingufos e kisanjis
Quando entro calado pelos quimbos?

E o dizer compassado dos batuques

Os cantos ritmados das massembas

As histórias do povo e as lendas do passado?

JOÃO ABEL

Alegoria ao Sol

Naquela tarde havia sol   irmão...
Sol
brincando às esquinas
colorindo as cubatas
enfeitando os olhares...
Havia sol
Irmão!...

As crianças saltavam
na areia encarnada
correndo e brincando
fazendo bonecos
– bonecos de barro –
entregues ao sol
dessa tarde infinita
em que tu
irmão
olhavas nos olhos
da fiel companheira
um destino melhor.

Havia sol   irmão...
E as roupas secando
em acenos de paz
afastavam a dor
que na tua alma sem brilho
se fora acoitar.

As galinhas ciscavam
no pequeno quintal
e as moças sem graças

entregues à noite
pelo, preço do pão
riam p'ro sol
que nessa tarde infinita
havia
irmão.

Havia sol nessa tarde
Sol
a brincar às esquinas
a colorir as cubatas
a enfeitar os olhares
Sol
irmão!
Sol
que tu procuraste
erguendo as mãos
simplesmente tocar.

Negro João

Conheço bem
o negro João...
    correndo a cidade
    vendendo o jornal
    e gritando às esquinas
        – Di... i... a
        Olha o Diário
e correndo sempre
correndo a cidade
da Baixa à Maianga
da Ilha a S. Paulo
levando a leitura

a quem sabe ler
– Di… i… a
Olha o Diário

Conheço bem
o negro João…
de caixa na mão
olhando p'ra mim
a beber o café
– Graxa minino?
Bem limpo!
e fazendo chiar
o negro sapato
que eu dou a engraxar

Conheço bem
o negro João…
olhando p'ra mim
a ler o jornal
e engraxando os sapatos
até aparecer
a sua cara de negro
no cabedal reluzente
dos sapatos que dou
p'ra ele engraxar…
a correr descalço
da Baixa à Maianga
da Ilha a S. Paulo
engraxando os sapatos
a quem compra o jornal…
e parado a uma esquina
a olhar as letras
impressas a negro
do enorme jornal
que ele não sabe entender.

Apontamento

curvada ao peso
ao peso brutal
dos blocos de pedra
e os olhos no chão
os olhos na terra
anda na obra
levando o cimento
a pedra e a cal
ao mestre pedreiro

e curvada ao peso
ao peso da vida
de lágrimas secas
e sangue sem vida
traz o seu filho
seu filho de negro
preso nos panos
dobrados nas costas
nas costas curvadas
ao peso brutal
do cimento e da areia
que leva cantando
ao mestre pedreiro

TERRA

Apesar do medo
do desânimo
do desfalecimento
os homens olharam-se

Apesar da falta
do erro
da negação
os homens compreenderam-se

Quando a terra se cobriu de frutos
e os frutos amadureceram
os homens não lutaram
Olharam-se
apenas
compreenderam-se
simplesmente

Sem receios
sem gestos contraídos
sem ódios sufocados
foram Homens
e amaram-se

E com o amor dos homens
a verdade foi mais clara
e o sol foi mais brilhante.

Poesia Angolana de Expressão Bantu

KIMBUNDU

Muimbu Ua Sabalu

Mon'etu ua kasule
A mu tumisa ku S. Tomé
Kexiriê ni madukumentu
    Aiué!

Mon'etu uaririle
Mama uasalukile
    Aiué!
A mu tumisa ku S. Tomé

Mon'etu uai kiá
Uai mu purá iá
    Aiué!
A mu tumisa ku S. Tomé

Mon' etu a mu butu
K'atena ku mu kuta
    Aiué!
A mu tumisa ku S. Tomé

Mon'etu uolo banza
O'xi'é o'nzo ié
A mu tuma kukalakala
0lo mu tala, 0lo mu tala

- Mama, muene uondo vutuka
Ah! Ngongo ietu iondo biluka
    Aiué!
A mu tumisa ku S. Tomé

Mon'etu k'avutuké
Kalunga ua mu rié
    Aiué!
A mu tumisa ku S. Tomé

(TRADUÇÃO)

Canção de Sabalu

Nosso filho caçula
Mandaram-no p'ra S. Tomé
Não tinha documentos
Aiué!

Nosso filho chorou
Mamã enlouqueceu
Aiué!
Mandaram-no p'ra S. Tomé

Nosso filho já partiu
Partiu no porão deles
Aiué!
Mandaram-no p'ra S. Tomé

Cortaram-lhe os cabelos
Não puderam amarrá-lo
Aiué!
Mandaram-no p'ra S. Tomé

Nosso filho está a pensar
Na sua terra, na sua casa
Mandam-no trabalhar
Estão a mirá-lo, a mirá-lo

– Mamã, ele há-de voltar
Ah! A nossa sorte há-de virar
    Aiué!
Mandaram-no p 'ra S. Tomé

Nosso filho não voltou
A morte levou-o
    Aiué!
Mandaram-no p'ra S. Tomé

M.A.[22]

Lemba

Lemba nguami kudikola
Lemba nguami kudikola
Lemba uangixisa
Ndolo leu muxima

Lemba uangixisa
Maka mavulu

    Kimbanda! Xé kimbanda!
    Nza ngo kungi sakela.

Lemba uanga ua muvulu
Lemba uanga ua muvulu
Tunde kiai mama
Jienda jó ngi kuata

[22] Mário Pinto de Andrade.

(TRADUÇÃO)

Lemba

Lemba, não me faças gritar
Lemba, não me faças gritar.
Lemba deixou-me dor no coração
Lemba, deixaste-me muita conversa.

Curandeiro, ó curandeiro!
Vem cá curar-me.

Lemba, tu tens muito feitiço
Lemba, tu tens muito feitiço!
Desde que a mãe se foi
Estou cheio de saudades.

UMBUNDU

Tuatchipopale, tutile,
Tumbuto yokulandiwa.
Mãyi wanhita, ndotale,
Ndatekateka nd'uyombe,
Ndanhofíamela k'ongolo.

(TRADUÇÃO)

Bem o tínhamos dito, fujamos,
Somos geração de compra e venda –
Mãe que me trouxeste ao mundo,
Vem cá ver:
Estou partido como o uyombe,
Reclinado sobre o joelho.

Humbiumbi yange
Uelela tuende.
Kakele ka tchimbamba
Osasala p'osi.

Vakuene vayelela,
Uelela tuende.
Kakele katchimbamba
Osasala p'osi

(TRADUÇÃO)

Meu humbihumbi,
Levanta voo e vamos.
Coitado do tchimbamba
Que se arrasta no chão.

Teus companheiros voam
Levanta voo e vamos
Coitado do tchimbamba
Que se arrasta no chão.

CUANHAMA

Ovakwanyama 'malai!
Tamuefele Naingo
Adalwa ko ina ewifa,
Semuweda okakambe
N'outa wosalupenda!
Mandume himupe ombedi,
Himupe nande kanini.
Adalwa ko ina ewifa,
Semuweda okakambe
N' outa wosalupenda.
Ohamba yokayalambadwa
Yokapekwua ya Melulo
Na Ndilokelwa sime.

Oindele hiipe omeva,
Hiipe nande m'omindo,
Yetudipaela ofimu,
Yetudipaela ohamba,
Ohamba yokalambadwa
Yokapekwa ya Melulo.

(TRADUÇÃO)

Vós, Cuanhamas, sois estúpidos!
Abandonastes cobardemente o chefe,
Ele, filho único de sua mãe,
O cavaleiro incomparável,
Com a sua bela arma Mauser!
Não censurarei a Mandume,
Por muito pouco que seja.
A ele, o filho único de sua mãe,
O cavaleiro incomparável,
Com a sua bela arma Mauser!

O soba a quem se estendiam tapetes de couro,
O andrajoso irmão de Melulo,
E da princesa Ndilokelwa.

Aos brancos não darei água,
Não lhes darei na minha cabacinha.
Eles mataram o nosso rei,
Trucidaram o soberano!
O soba a quem se estendiam tapetes de couro,
O andrajoso irmão de Melulo.

Carlos Estermann, «Etnografia do Sudoeste de Angola», I vol., 204-5. Este poema foi composto para honrar a memória de Mandume, o último soba cuanhama independente.

Haulamba wa Nangobe alele talili,
Simbungu alele takwena,
Haulamba alele tawelele!
Omukwetu umwe ineuya.

(TRADUÇÃO)

O bicho esfomeado de Nangobe[23] *passou a noite a chorar,*
A hiena uivou toda a noite,
O bicho esfomeado berrou durante a noite!
Um companheiro nosso não regressou.

C.E., ob. cit., 206. Este poema anuncia a morte dum guerreiro. Põe em relação o uivar lúgubre da hiena com a má notícia da morte do guerreiro.

Namongo talipepele
Kalunga etuama m'omunhulo!
Kalunga tukula okaulapepo!
Pamba onaili likwete.
Kalunga taliti:
Vafi vange, tuyeni!

[23] Nangobe – Nome poético de hiena.

(TRADUÇÃO)

Namongo[24]*, suscita o vento,*
Kalunga[25] *nos protege pelos lados!*
Kalunga faz levantar a ventania!
Pamba[26] *tem um bordão.*
Kalunga fala e diz:
Mortais meus, vamos para a frente!

C.E., ob. cit., 216. Poema guerreiro.

Haisikoti hasilambalal wa k' efuma,
No k'omufuko wendobwa
No mule kena omatako,
Ngenge taya taiti:
Kahenene ndikute,
Kadiva komukasulwa ndikunyenga,
Ndikutakule n'omeva!
Ngeno omukulunu mukwetu,
Omufitu ou hatulianyene na ye…
Omadi alo efuma,
Onudi yalo okasima,
Kaikulokele ongobe
Yosikulu k' omuongo
Otopange tofilula.
Ina yokakutukutu k' omuifi
N'okambaba k'outalala!
Naiuye! Omapongo tuhavake,
Omamwilandyila tuhakwate somunu.

[24] Namongo – Sinónimo de Kalunga, que só se emprega em locuções proverbiais poéticas.
[25] Kalunga – Divindade suprema, Deus.
[26] Pamba – Outro sinónimo de Kalunga, que também só se emprega em locuções proverbiais poéticas.

(TRADUÇÃO)

Haisikoti[27]*, a tua vinda é saudada pelas grandes rãs,*
pelas aves aquáticas, e também.
pelo homem nobre (caído na miséria).
Quando ela aparece, diz:
«Ó terra estável e sólida, cubro-te de água,
Kadiva[28]*, cubro-te de água,*
Apenas o omufitu[29]*, forte como eu, ousa resistir-me!»*
A sua manteiga é a rã
a sua gordura é a tartaruga.
Oh! as primeiras chuvas não cairão já
sobre os bois velhos e magros.
Tu (pastor ou proprietário de gado) poderás chupar o leite das tetas.
A chuva é a mãe de panelas de pirão
É mãe do cesto cheio no tempo frio.
Que ela venha! Para que nós, miseráveis, não sejamos obrigados a roubar,
E nós, extenuados pela fome, não pensemos em apoderar-nos do alheio!

C.E., ob. cit., I vol. 203-204.

[27] Haisikoti – Designação alegórica de chuva.
[28] Kadiva – Pequena depressão onde cresce o colmo.
[29] Omufitu – Terra arenosa.